
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Filipe Augusto Paulo dos Santos

**Título: OS ECOS DOS AFETOS DAS PRÁTICAS COTIDIANAS NAS
AULAS DE MATEMÁTICA DO ENSINO MÉDIO**

Rio Claro
2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Câmpus de Rio Claro

Filipe Augusto Paulo dos Santos

**OS ECOS DOS AFETOS DAS PRÁTICAS COTIDIANAS NAS
AULAS DE MATEMÁTICA DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Matemática do Instituto de Geociência e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Rio Claro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática

**Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos
Carrera de Souza**

Rio Claro

2018

510.07 Santos, Filipe Augusto Paulo dos
S237e Os ecos dos afetos das práticas cotidianas nas aulas de
Matemática do ensino médio / Filipe Augusto Paulo dos
Santos. - Rio Claro, 2018
66 f. : il., figs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Antônio Carlos Carrera de Souza

1. Matemática - Estudo e ensino. 2. Educação
Matemática. 3. Cartografia. 4. Táticas. 5. Filosofia da
diferença. 6. Aprender. I. Título.

Filipe Augusto Paulo dos Santos

**OS ECOS DOS AFETOS DAS PRÁTICAS COTIDIANAS NAS
AULAS DE MATEMÁTICA DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Matemática do Instituto de Geociência e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Rio Claro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática

**Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos
Carrera de Souza**

Comissão Examinadora

Antônio Carlos Carrera de Souza, Doutor, Unesp – Rio Claro

Thiago Donda Rodrigues, Doutor, UFMS – Paranaíba

.Tássia Ferreira Tartáro, Doutor, IFSP – Birigui

Conceito: **Aprovado**

Rio Claro, SP 29 de Março de 2018

Dedico este trabalho a todas as pessoas que se fazem presentes no meu navegar pela vida, em especial aos meus pais Valquíria e Ronaldo que nunca mediram esforços para realizarem os meus sonhos.
Dedico ainda à memória do meu avô Benedito dos Santos, por ser exemplo de garra, de força e de fé.

AGRADECIMENTOS

Gratidão palavra que de acordo com o dicionário significa a ação de reconhecer ou de prestar reconhecimento a alguém por uma ação e/ou benefício recebido. Dessa forma são inúmeras as pessoas que gostaria de abraçar e agradecer nesse momento de tamanho significado em minha vida, pois são por eles que logrei êxito. Com isso, gostaria de agradecer em primeiro lugar aos meus pais por estarem sempre ao meu lado;

Agradeço aos meus irmãos por compartilharem comigo momentos importantes aos quais me inspiravam;

Agradeço aos meus Avôs por rezarem por mim e por serem a minha primeira torcida;

Agradeço ao casal de amigos/irmãos Silva e Lourenço por me auxiliar no decorrer dessa caminhada e juntamente com eles ao Guilherme e Livia por sempre estarem presentes nesses momentos;

Agradeço ao Grupo Batuira na pessoa de Rosa Helena e Joel Baptista, pois sem eles muito dessa trajetória não seria possível, com eles a minha eterna gratidão ao Centro Espírita Meimei, por também fazerem parte de minha vida;

Agradeço a todos os meus alunos que são protagonistas de minha caminhada;

Agradeço a todos os meus amigos de trabalho e aos amantes da educação que compartilharam momentos importantes comigo, dentre eles Jader Dimas, Analice Silva, Paulo Garcia, Silvia Viel e tantos outros.

Agradeço aos amigos, Gabriel Gregorutti, Luiz Leal, Vanessa Benites, Laís Romanello e tantos outros que compartilhamos de viagens e de conversas enriquecedoras.

Agradeço ao meu orientador Carrera e aos integrantes do meu grupo de pesquisa os Uns/Múltiplos Um. (Tassia Tartáro, Nádia Baccan, Simone Sader).

Agradeço aos laços de respeito criados no PPGEM, que compartilhamos de textos, de ideias e de momentos bons, destaco os amigos Rose Batistela, Ronilce Lopes, José Milton, Bruna Both, Williane Barreto, Juliana Martins, Bruno Leite e tantos outros.

Agradeço a todos os funcionários da PPGEM, em especial as secretárias Inajara (obrigado pelas balas e conversas) e Elisa.

Agradeço aos amigos Evelyne Castro, Aline Banhereli (e todas as minhas Hermanas), Mariana Oliveira, Rafael Simon, Simone e Welington Pain, Wesley Florêncio, aos irmãos Vitor-Laura-Artur Borges.

Aos amigos e irmãos de alma Thiago Bernardes, Amanda Mattos, Vânia Davis, Lauro Pinheiro, Michele Furin, Vinícius Miyamoto, e todos os seus que sempre se fazem presente em nossas vidas.

Agradeço a todos os meus familiares que vibram e torcem pelo meu sucesso.

Por fim, agradeço ao CNPQ por fomentar essa pesquisa.

“Tua palavra, tua história
Tua verdade fazendo escola
E tua ausência fazendo silêncio em todo lugar
Metade de mim
Agora é assim
De um lado a poesia, o verbo, a saudade
Do outro a luta, a força e a coragem pra chegar no fim
E o fim é belo incerto... depende de como você vê.”
(Fernando Anitelli)

RESUMO

Este trabalho de pesquisa qualitativa tem por principal objetivo cartografar as linhas de fuga, os afetos, os agenciamentos e o aprender Matemática no Ensino Médio em uma escola da rede estadual da cidade de Franca. Entendidos estes, com os componentes das práticas existentes no cotidiano do território escolar cartografado. Assim, utilizaremos como referenciais as obras de Foucault e Deleuze, estruturadoras da Filosofia da Diferença. Nos procedimentos de pesquisa e, em particular, nas questões cartográficas nos movimentos da pesquisa ou nas questões de narratividade e produção de dados, enfim, nas questões éticas da pesquisa estaremos em concordância com Kastrup (2009). Os movimentos centrais deste exercício de pesquisa mostram o cotidiano de aulas de Matemática em uma escola de ensino médio em Franca, São Paulo. Entendemos que para a cartografia o mais importante é acompanhar os processos e não a representação de objetos, assim o que nos interessa não é o começo, nem o produto final e sim o que ocorre no meio desse processo, o caminhar diário que compõe o ruído, o som, a melodia existente no aprender Matemática na primeira série de uma escola de ensino médio. A partir dos movimentos e do olhar cartográfico buscaremos discutir o conceito de aprender, bem como a escola como mecanismo punitivo e de sequestro.

Palavras – Chaves: Educação Matemática, Cartografia, Táticas, Filosofia da Diferença, Aprender.

ABSTRACT

This qualitative research work has as its main goal, mapping either the escape routes or the affections or the assemblages or the learning of mathematics in the high school of a state public school in the city of Franca. These components are understood with the tactics existing in the everyday of the mapped schools. So, we will use as reference, the works of Foucault and Deleuze, structuring the philosophy of difference. In the research procedures and, particularly, in the cartographic questions or in the movements of the research or in the questions of narrativity or data production or, finally, in the ethical questions of the research, we will be in agreement with Kastrup (2009). The central movements of this research exercise show the daily life of mathematics classes in a high school in Franca, São Paulo. We understand that, for cartography, the most important thing is to follow the processes and not the representation of objects and thus, what interests us is not the beginning, nor the final product, but the middle of it, or the daily walk that composes the noise, the sound, the existing melody in learning mathematics in a night-time period first year high school. Stem from the movements and the cartographic look we will try to discuss the concept of learning, and the school as a punitive and sequestration mechanism.

Key – Words: mathematics education, cartography, tactics, philosophy of difference, learning.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Escadaria Selarón.....	27
Figura 2 – Cálice	37
Figura 3 – A Visão da Escola	47
Figura 4 – Silêncio.....	53

SUMÁRIO

1 OS ECOS DOS AFETOS DE UMA PESQUISA CARTOGRÁFICA.....	10
2 AS RESSONÂNCIAS DOS AFETOS	16
3 DAS ESCADARIAS	25
4 ... QUEM VIGIA O VIGIA?	41
5 PERMITIR-SE AFETAR E SER AFETADO	59
REFERÊNCIAS.....	63

1 OS ECOS DOS AFETOS DE UMA PESQUISA CARTOGRÁFICA



Numa jangada à deriva
À céu aberto
Leva aos corações despertos
A sonhar com terras livres
Veio o amanhã e eu parti
Mas quando cheguei aqui
Os astros podem contar
No dia em que me perdi
Foi que aprendi a brilhar
(Vander Lee – Sambarroco 2012)

Para iniciar este movimento de escrita coloco-me à mercê de minhas inquietações, sentimentos e afetos. Escolho como epígrafe inicial um trecho da letra da música “Estrela”, constante do acervo da Música Popular Brasileira (MPB), do compositor Vander Lee, interpretada por Maria Bethânia. Escolho-o, porque acredito que esta canção/poema cria um diálogo entre os movimentos vividos por mim durante o processo de pesquisa e o que irei apresentar nas páginas que se tecem ou se desenham, páginas que bailam a música, mas cujas “redondilhas” podem ser insuficientes para acolher todas as experiências vivenciadas no decorrer dessa pesquisa, e, assim, abro um singelo convite para navegar comigo e juntos compormos algo novo.

Para tal viagem, é preciso se deixar quaisquer regras de lado, classificações, metodologias, ordem cronológica ou linearidades as quais possam porventura existir. Convidamos para uma viagem no cotidiano das aulas de Matemática de uma primeira série do ensino médio de uma escola situada na periferia da cidade de Franca/SP, e nessa viagem navegaremos em águas intensas, repletas de acontecimentos que possibilitam e nos instigam a pensar sobre esse território. Dessa forma, nos jogamos nesse local como navegantes em nossas jangadas no alto-mar.

A inspiração desta escrita nasceu dos vários afetos¹, sendo um deles, os acontecimentos ocorridos no cotidiano do período em que estive presente no “chão da fábrica”², ou seja, na escola, em uma sala de aula como professor e/ou pesquisador em uma incrível simbiose, abandonando dessa forma, qualquer hierarquia entre esses dois papéis, uma vez que, por esse processo, completam-se entre si, trabalhando juntos nesse território. Além das diferentes conversas ou atravessamentos presentes no meu próprio cotidiano escolar, enquanto professor, em que, na maioria das vezes, era descentrado ou retirado da minha zona de conforto, e remetido a um campo ainda inexplorado do meu pensamento.

Nesse momento inicial, nos primeiros movimentos dessa escrita, muitas são as sensações. Sou afetado por inúmeros desejos, intenções ou forças do fora e... Afinal: o que busco para apresentar a vocês neste trabalho? Busco pelos ecos das práticas cotidianas em sala de aula! Pelos afetos que permeiam o apreender Matemática! Busco: os ecos – as ressonâncias – dos afetos, dos movimentos, das músicas, ruídos, sons de uma pesquisa cartográfica, ou seja, é o mesmo que pensar: O que ficou em mim – professor e/ou pesquisador - e o que ecoa nesse corpo após as afetações desta pesquisa.

Em diversos momentos durante a produção de dados, ocorreram fatos que constantemente ecoavam em minha mente – violências do fora – causando em mim grandes afetações, as quais transpassavam o meu corpo como flechas que atingiam o meu peito. Assim, mesmo consciente dos desafios que tal narratividade propõe, tentarei de maneira singular, trazer os afetos, os movimentos, as práticas cotidianas, os ecos e os afetos da carta de navegação que se fez presente no movimento pesquisa em sala de aula. Para, quem sabe, esses mesmos caminhos, possam também lhe afetar.

Considero que o processo de pesquisa se iniciou muito antes do ingresso no programa de pós-graduação ao qual estou vinculado, pois o grande ímpeto inicial está no começo de minha própria formação e nas primeiras vivências tidas enquanto professor de Educação Básica nas redes públicas ou particulares. Recordo-me que, nessas primeiras ocasiões, como professor, ao mesmo tempo em que era tomado por momentos bons, identificava sempre, ao fundo, uma coisa sombria. O que era? Não sei, sabia apenas ser necessário continuar estudando e navegando até um “porto” que me desse segurança nesta trajetória, cujo destino eu desconhecia.

¹ Neste trabalho surgirá o termo “afeto” que aqui tem o significado, baseado em Nietzsche. Ou seja, estar atravessado ou transpassado pelo sentimento vivido.

² Chamamos de “Chão da fábrica” o ambiente da escolar, uma vez que é nele que ocorrem as práticas escolares de submissão que compõem o cotidiano escolar de nossos alunos, objetivando nesses casos apenas o “fabricar” de sujeitos-objetos que fazem parte da grande massa dos sujeitos que sobrevivem nesse local.

Dessa forma, ao chegar a Rio Claro, pensei, em um primeiro momento, haver encontrado o tão procurado “porto seguro”. Porém estava totalmente enganado, pois, ao mesmo tempo em que o que eu procurava passava a fazer sentido para mim e conseqüentemente dava sentido às vivências das práticas cotidianas na escola, tornava imprescindível iniciar um movimento interno que jogasse para fora arcaicos preconceitos, velhas visões sobre mundo. O que aconteceria se me colocasse aberto a essa nova ideia? E como existir um navegar para um “porto seguro” nas subversivas águas da Filosofia da Diferença, onde se quer existe esse “porto”?

Por conseqüência, novas buscas se faziam presentes, era necessário pensar em táticas ou estratégias – maneiras de se trabalhar em sala de aula – as quais permitissem desafiar esse território árido, ou seja, aquele que é regido por normas e padrões que minam toda a força de criar. E para compor tais estratégias, recorri às leituras da Filosofia da Diferença. Vislumbrava nelas possibilidades de soltar-me das velhas algemas! Potências de Liberdade? Seria permitido pensar em práticas e táticas de liberdade? Seria possível sonhar com as práticas de liberdade de Paulo Freire?

Assim, com o decorrer dessa nova aventura pelas águas singulares da Filosofia da Diferença, percebo ser cada vez mais impossível a existência ou criação desse território seguro, desse “porto seguro”, afinal estamos sempre em constante transformação, numa metamorfose, na desconstrução de verdades prontas e acabadas. Percebi que essa viagem acontece sempre em águas turbulentas, pois, quantos são os textos em que, quando chegamos ao seu final, estamos totalmente sem ar, sem voz, somos levados para além de nossa compreensão. Talvez seja por isso que, de acordo com Orlandi:

Existe uma coisa importante que é o contato da não-filosofia com o pensamento filosófico, que é um contato estranho e extremamente importante. Como nós mesmos encontramos na música, por exemplo, uma atração intensa e não somos músicos, esse tipo de atração é importante para a vida de cada um, assim como a atração que muitos têm por um pensamento novo. Embora não haja em mim, por exemplo, um domínio da música e, todavia, sou tomado por ela e isso produz em minha vida entretempos importantes, assim também há todo um interesse por Deleuze que não é um fingimento intelectual, mas mesmo vital, já que se encontra ali um pensamento autenticamente voltado para uma dramaturgia conceitual não estranha às dramaturgias vividas. (ORLANDI, Luiz. **Ética em Deleuze**. [online] Disponível na internet via WWW. URL: <http://www.institutocpfl.org.br/cultura/2009/01/19/cafe-filosofico-etica-em-deleuze-luiz-orlandi/> Acesso em: 07 Nov. 2016)

Música! Dramaturgia! E é dessa maneira que mergulhamos não somente nos pensamentos de Deleuze, mas de todos aqueles que escolhemos como referência de trabalho. É por acreditar nessa vida, nesse poder de criar ou de reinventar, construir-destruir-reconstruir que escolhemos continuar nas águas da Filosofia da Diferença. É nessa viagem em que as aventuras, os desvios, a não modulação e a não castração nos remetem a pensamentos novos e únicos, mostrando não existir um pensamento verdadeiro único, pois eles surgem das singularidades. Nessa navegação, passamos por experiências indescritíveis que nos afetaram, possibilitando os recursos necessários para compor a nossa caixa de ferramentas, a nossa colcha de retalhos, utilizando sempre os fragmentos, os cacos e os restos, nessa composição.

Buscamos fundamentar o desenvolvimento de nossa produção de dados à luz da Cartografia como um movimento de (de)formação dos procedimentos de pesquisa convencionais – evitaremos falar em certas objetividades comuns a práticas da pesquisa moderna tais como Projetos, Objetivos, Hipóteses, Métodos, Conclusões ou Considerações Finais – dessa forma, de acordo com Kastrup (2009) temos que “a pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos, e não como representação de objetos”, isto é, no processo cartográfico temos que o mais importante é o caminhar da pesquisa, é aquilo que ocorre no entre ou no meio, e não apenas o seu início ou o seu fim. Ainda sobre esse caminhar da pesquisa lançamos luz aos afetos que perpassam as linhas ocultas do território escolhido e não as descrições de objetos ou objetivos de pesquisa. Assim, iremos acompanhar os movimentos, os processos e os fluxos cotidianos do território escolar a fim de deixar visível o não oculto, de colocar em evidência as táticas e os afetos que podem ocorrer dentro do território da matemática escolar e passam despercebidas por aqueles que estão mergulhados na vivência diária desse processo. Passos, Kastrup e Escossia (2009) acreditam que a Cartografia possa ser utilizada para mostrar um mapa das subjetivações humanas.

Assim, é revirando, interrogando, criando movimentos novos, táticas coletivas impensadas ou possibilidades de invenção de novas práticas e estratégias de vivências no território escolar que nos apropriamos desse. Considerando ser o mais importante a caminhada, em que não temos um destino pré-determinado, pois a mesma acontece conforme nos colocamos à disposição do roteiro das afetações, dos acontecimentos, dos encontros e dos fluxos que percorrem o território escolar, seguindo um caminhar próprio de cada um no processo de pesquisa cartográfica.

Assim, Rolnik nos diz:

Já que não é possível definir seu método (nem no sentido de referência teórica, nem no de procedimento técnico), mas, apenas, sua sensibilidade, podemos nos indagar: que espécie de equipamento leva o cartógrafo, quando sai a campo? É muito simples o que o cartógrafo leva no bolso: um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações - este, cada cartógrafo vai definindo e redefinindo para si, constantemente. (ROLNIK, 1987, p. 3).

Dessa forma, cada cartógrafo leva consigo os instrumentos que acredita serem necessários para a sua produção, aqui podemos entender que tais instrumentos podem ser uma ideia ou³ uma pergunta ou uma entrevista ou uma etnografia ou um mapa narrativo ou, entre tantos outros, um movimento inquieto. Sempre... ou... ou... ou. Multiplicidades. Sempre n-1. A cartografia caminha sempre no sentido do n-1. Um mapa sempre subsiste a retiradas, pois como composição cria cartografias. Pensamos a cartografia como um tecido claro de subjetivações a partir de um real fragmentado.

Assim, ancoramos esta pesquisa em nossa sensibilidade, que cria uma fina rede captora de movimentos ou de práticas ou de afetos ou de forças do fora através do nosso “Corpo Vibrátil”. (Rolnik, 1989). Podemos dizer que o pesquisador e suas práticas são como um corpo que vibra e que sente os afetos ou as violências ou os medos ou os desafios ou... Cada “ou” cria um nó que, cosido a outro(s) e, assim tecidos um a um, criam redes que, atravessadas por fluxos intensos, criam possibilidades de afetações. Não tratamos aqui de uma atitude contemplativa do pesquisador, mas sim da elaboração de uma rede de fios teóricos entrelaçados a outros de atenta observação. A cartografia aqui se apresenta como uma rede de fino tecido de teoria e observação. Vibrátil.

Afirmamos que cada fluxo ou movimento ou força do fora ou afeto capturado nesta rede é produto dos estudos teóricos e das observações no cotidiano escolar efetuados pelo professor/pesquisador, não apenas uma observação de contemplação, mas uma observação a qual se dá junto ou afeta ou é afetada pelos que nos cercam. Produzindo significados singulares a partir dessas observações, afetações, práticas, fluxos e encontros nesse território. Com isso, depois de toda essa experiência podemos pensar que cartógrafo engole, digere e vomita como um verdadeiro ser antropófago, de acordo com palavras de Rolnik (1989).

Com isso, “como cartógrafos, nos aproximamos do campo como estrangeiros ou visitantes de um território que não habitamos. O território vai sendo explorado por olhares, escutas, pela sensibilidade aos odores, gostos e ritmos” (BARROS; KASTRUP, 2009, p.51).

³ Segundo Deleuze, entendemos sobre multiplicidade como a potência da variação. Dessa forma, mantendo o ponto de vista estético da Filosofia da Diferença, utilizamos o conectivo “ou” uma vez que no mesmo existe uma potência que nunca se acaba de incluir múltiplas coisas diferentes ou múltiplos caminhos.

E esse ímpeto convidou-nos a navegar por esse território. Por meio das escritas que compõem essa dissertação, cabe apenas deixarmos registrados aqui os afetos que escolhemos, de acordo com suas intensidades, encerrando e personificando o vivido, possibilitando que as margens desta pesquisa abram pistas para leituras e caminhos outros.

Registrarmos um afeto (com certa angústia): a narrativa como processo de criação de um trabalho acadêmico é, obviamente, solitária. Advinda de um processo de produção de afetividades. Um texto deformará afetos? Por dentro da pesquisa objetiva convencional sabemos da possibilidade concreta da deformação de campos de pesquisa. Será que a forma da narrativa terá, nessa, a fortuna de não deformar o mapa da sala de aula?

Em outras palavras, podemos dizer que o cartógrafo é, além de um ser antropófago, também é um poeta (ou um narrador de uma bela prosa), pois sua escrituração difere da tradicional, sendo a mesma livre, ela se inventa na medida em que a sensibilidade de cada leitor perpassa por suas palavras, versos, rimas, estrofes ou ritmos. Suspende o tempo e torna-se única e incomparável para cada um. Destarte, o seu principal objetivo é, na verdade, a busca pela singularização, a busca pela sensibilidade existente entre os meios, de modo a buscar caminhos outros, pois ela sempre aparece como um oásis no meio da sequidão do deserto (dos sentimentos do) homem.

Assim, se assemelha o papel do cartógrafo, que busca através do campo que se opera dar voz, traduzir em palavras as afetações vividas por ele, buscando o dismantelamento dos mundos, cujas relações se encontram enfraquecidas, doentes e ultrapassadas, para a criação de outro onde nele seja capaz de andar livremente as expressões dos afetos, pois temos que essa é a força motriz viva que vibra e se impulsiona dentro de cada sujeito, de cada cartógrafo. É através dele que se olha para o outro e se compartilha de momentos únicos em cada um, e, por fim, é ele que potencializa as relações humanas.

2 AS RESSONÂNCIAS DOS AFETOS



Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
"Navegar é preciso; viver não é preciso".

Quero para mim o espírito [d]esta frase,
transformada a forma para a casar como eu sou:

Viver não é necessário; o que é necessário é criar.
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.
Só quero torná-la grande,
ainda que para isso tenha de ser o meu corpo
e a (minha alma) a lenha desse fogo.

Só quero torná-la de toda a humanidade;
ainda que para isso tenha de a perder como minha.
Cada vez mais assim penso.

Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue
o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir
para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.

Fernando Pessoa

Após navegarmos em águas turvas e agitadas, vamos ancorando nossa jangada em um porto fictício, pois muito ainda temos e devemos fazer. E nesses movimentos não poderíamos deixar passar a epígrafe acima, em que Pessoa, o grande poeta lusitano do século XX, criador de singulares heterônimos, foi capaz de inventar-se e reinventar-se a cada situação. Assim ele clama – junto aos generais romanos e poetas antigos – que “"Navegar é preciso; viver não é preciso".” temos aqui a sensação de que devemos navegar, subir em um navio e lançarmo-nos em alto-mar, sem medo de morrer. O ideal sobrepõe-se à pessoa. Não existem regras, fórmulas ou receitas para viver. Para viver temos de nos arriscar, nos manter em constantes atos de criação, de encontrarmos em nós mesmos o combustível para viver. E a isso se assemelha o movimento da cartografia, não existe regra, forma, método que defina uma

maneira única de cartografar. Existe um grande ideal e uma intensa sede de descobrir e transformar.

Tal processo coloca o cartógrafo numa posição de aprendiz, de um aprendiz-cartógrafo. Nesse processo de habitação de um território, o aprendiz-cartógrafo se lança numa dedicação aberta e atenta. Diferente de uma pesquisa fechada, o aprendiz-cartógrafo inicia sua habitação do território cultivando uma disponibilidade à experiência. O campo pesquisado, seja completamente estranho ao aprendiz-cartógrafo (como no caso das pesquisas etnográficas de povos de outros mundos), seja num campo habitual (como no exemplo da pesquisa que um de nós realizou em que sendo capoeirista se lança numa investigação deste universo), é necessário cultivar uma receptividade ao campo. (ALVARES e PASSOS, 2014, 131).

Portanto, como aprendizes, nos jogamos no território da sala de aula, abertos às possibilidades múltiplas que possam surgir. Jogamo-nos não apenas como sujeitos passivos aqueles que apenas observam e recebem do ambiente. Colocamo-nos como sujeitos ativos dentro desse território, onde estaremos abertos, atentos e atuantes dentro da sala de aula escolhida como campo. Criando laços, afetando e sendo afetados. Após essa vivência tivemos a ideia de apresentar as conversas produzidas em formas de uma carta aos filósofos da Diferença.

Para compormos essas cartas respeitamos as identidades verdadeiras dos participantes dessa pesquisa e através de suas falas, dos pontos convergentes de cada um, criamos as cartas do Professor Benê e dos alunos: Joaquim Soares e Aparecida de Lourdes, cabe aqui ressaltar que participaram de nossas pesquisa indiretamente aproximadamente 45 alunos e em entrevista 6 alunos e dois professores, sendo uma de Matemática e uma Tradutora e Interprete de LIBRAS que acompanhavam a todas as aulas.

E em respostas a essas cartas criamos o escritor Pablo de Vantis y Vantis, que nada mais é do que uma mistura de nossos pensadores que compõem o Referencial Teórico desse trabalho.

Franca, algum dia do ano X.

Reporto-me a você devido às inspirações que seus escritos têm me conduzido e levado a pensar com os meus pequenos, com meus alunos. Além disso, o desejo de trocar consigo algumas das vivências e das falas que permeiam o território das salas de aula, salas essas que vão além das quatro paredes e grades que nos cercam. Salas que se explodem graças às forças dos encontros que elas nos proporcionam.

Há tempos a vontade de escrever-lhe nos ronda, mas acreditávamos que faltava uma ocasião diferente que nos trouxesse possibilidades de pensar em uma escola que nos permitisse sermos artistas e, com nossos alunos, fazermos desse espaço uma grande obra de arte; uma escola que, por fim, despertasse e libertasse, em cada um, o artista o qual nesse vive trancafiado.

Bom, então vamos lá, em primeiro momento, começarei me apresentando para que, em seguida,, cada um dos meus alunos (Joaquim Soares e Aparecida de Lourdes) possa fazer o mesmo em seus respectivos escritos. Posteriormente, gostaria de juntar um pouco do que me atravessou a partir do nosso encontro com os seus pensamentos.

Sou um jovem professor e atualmente estou na casa dos trinta anos de idade, moro em uma cidade do interior de São Paulo, e, desde que “me entendo por gente”, trago o desejo de ser professor. E, para alcançar tal objetivo, muitos foram os desafios, muitas vezes houve vontade de desistir, mas sempre, nesses momentos, havia alguém por perto para me reacender o ânimo.

Após me formar, tive o desejo de atuar na escola pública de nossa cidade, afinal sou fruto desse lugar, sou o errado que deu certo, uma vez que, enquanto aluno, era constantemente desacreditado pelos meus professores os quais pensavam que eu jamais alcançaria as cadeiras de uma universidade. Quando comecei a lecionar como professor de Matemática, vivia e ainda vive dentro de mim o desejo de modificar a sala de aula, de explodir os enrijecimentos presentes dentro da escola como um todo, de derrubar todas as grades e câmeras que nos vigiam e nos trancafiavam dentro da escola, minando todas as possibilidades de fazer algo novo, pois para fazê-lo precisávamos sempre da “benção”, da autorização dos diretores da escola, que muitas vezes viam os alunos como peças que precisavam ser inseridas em um jogo do estado.

Por diversas vezes acreditei que o meu papel era realmente treiná-los para inseri-los nesse jogo. E eu acabava por utilizar de práticas de punição, aplicando provas, trabalhos, listas com inúmeros exercícios, entre tantas outras coisas. Assim, nessas circunstâncias, o que mais acontecia na realidade era o distanciamento dos meus alunos e uma sensação de impotência, de incapacidade na execução de minha profissão. Em função

dísso, busquei na filosofia, caminhos que me proporcionassem encontros mais efetivos com esses alunos.

E, ao encontrar os seus escritos, caro pensador, acreditei ter encontrado um rumo, pois me convenci, definitivamente, que somente será possível termos uma escola diferente da atual, ou seja, um território que seja capaz de olhar para o outro com um olhar mais ético e cortês, onde professor e aluno trocam experiências, curiosidades e trazem em si o desejo nato de mudança. É com eles e por eles que me coloco na linha de frente desta guerra contra a rigidez, contra esse mecanismo torpe que opera na escola cujo discurso traz toda uma ideia de um lugar onde é possível formar seres pensantes e críticos, mas, na realidade, produz justamente o contrário. Em sua maioria, exerce-se um falso pensar, uma falsa criticidade, pois os mesmos atores demonstram-se preocupados com os diferentes índices de avaliação quantitativa de seus, mostrando, claramente, que o ocorrido não passa de uma reconhecimento ou uma decoração de métodos.

Os seus livros se fazem cada dia mais atuais, as escolas em sua grande totalidade não passam de mecanismo de vigilância e punição. Infelizmente, pouca coisa mudou desde a primeira publicação de “Vigiar e Punir”, em 1975, e acredito que estaria perplexo com essa situação, afinal, um professor do século XIX sentir-se-ia totalmente em casa nos dias de hoje dentro de uma sala de aula. Os diversos discursos que percorrem o território escolar fazem-nos crer que esse local é capaz de nos tornar cidadãos críticos, capazes de opinar sobre as coisas importantes da vida, porém, na realidade, temos apenas a reprodução dos

conceitos educacionais ou matemáticos, presentes há décadas como nos Parâmetros Curriculares Nacionais, no Currículo do Estado de São Paulo, em aulas preparadas muito tempo atrás em cadernos que já se encontram velhos, amarelados e gastos.

Dessa forma, temos presente na escola apenas uma grande massificação de sujeitos. E o mais interessante é, diversas vezes, ouvirmos de pessoas da administração, tais como, supervisores, diretores e coordenadores da escola que devemos ser autônomos, autores e criadores do nosso próprio conhecimento, trazendo uma grande dicotomia entre a teoria e a realidade praticada. Isso seria cômico, se não fosse trágico.

Ouvimos dos nossos alunos coisas que nos causam grande aflição, escute por si só, ou melhor, leia, através das cartas encaminhadas, o que me disse uma aluna.

Espero que em breve possamos nos encontrar.

Um grande Abraço

Benedito dos Santos

A black and white illustration featuring a large quill pen on the right side, pointing towards the left. Below the quill is a small inkwell with a dark liquid inside. To the left of the quill, various letters of the alphabet are scattered in a cloud-like shape, some appearing to be written with the quill. The letters include 'a', 'b', 'c', 'd', 'e', 'f', 'g', 'h', 'i', 'j', 'k', 'l', 'm', 'n', 'o', 'p', 'q', 'r', 's', 't', 'u', 'v', 'w', 'x', 'y', 'z', and 'A'.

França, algum dia do ano X.

É com uma imensurável alegria que recebi a sua ta, e aguardo ansiosamente pelas próximas. Utilizando como inspiração o poeta boêmio brasileiro Icius de Moraes, que se imortalizou dizendo que "a a é a arte do encontro, embora haja tantos encontros" e com ele afirmo ser por meio desses imentos de encontrar e desencontrar que produzimos afetos os quais nos impulsionam a ver aquilo que á visível, porém, oculto aos nossos olhos, ocultos vida que se faz presente por todos os territórios mados pelo encontro dos afetos.

Confesso aguardar as demais cartas para que juntos pudéssemos constatar sobre os mais variados desmanches e desmandos que a educação, de forma geral, vem sofrendo e, a cada vez mais, vai de encontro com o que já prevíamos. Por diversos momentos, mesmo não olhando diretamente para a escola e para a educação, acredito que possamos transmutar alguns dos estudos já realizados na área da Filosofia da Diferença para esse território, que se faz povoado

por crianças, jovens e adultos de diversos níveis sociais.

Quando me deparo com os trechos das falas que você trouxe em sua escrita, qualquer um sentiria um desconforto, um verdadeiro golpe no estômago, que os levam a pensar e a ter ânsia quando constatarem essa triste realidade, esse mundo cinzento, onde o mais importante é aceitar a submissão dos que estão no poder maior, além do que é triste vermos a realidade nua e crua, mostrando o quanto somos ínfimos diante desse sistema ultrapassado para os dias de hoje. Todavia, mesmo concordando com esse sentimento, o mesmo não me surpreende visto que ele vem seguindo o processo de construção do modelo disciplinar.

Precisamos, através de nossa singularidade, começar a corroer as estruturas dessa máquina que massacra e nos mata a cada instante. Precisamos juntos realizar novos caminhos, e, a partir dos cacos, construir algo novo, em que a singularidade seja o carro principal dessa nova estrada.

E nessa nova construção espero que tenhamos a capacidade de não cairmos nas armadilhas do inimigo, que “soube tão bem mobilizar e utilizar o desejo das massas —, mas também o fascismo que está em todos nós, que ronda nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz gostar do poder, desejar essa coisa mesma que nos domina e explora.” (M. Foucault in O Anti-Édipo, Deleuze & Guattari, Editora 34 (Prefácio)).

Por fim, que tenhamos a sensibilidade para realmente deixar o novo agir, sem temer. E tenhamos o

cuidado de não aprisionar ninguém nem de impor metodologias e formas de trabalho, pois os mesmos devem ser definidos pela sua comunidade de sujeitos a qual conhece suas principais necessidades.

Que a criação seja a embarcação e que as singularidades o leme a nos conduzir pelos rios dos afetos que singra o velho para nascer o novo, o diferente e o belo.

Um grande abraço e até breve.

Pablo de Vanstis y Vantis.

3 DAS ESCADARIAS



– Posso dizer tudo?

– Pode

– Você compreenderia?

– Compreenderia. Eu sei de muito pouco. Mas tenho a meu favor tudo o que não sei e – por ser um campo virgem – está livre de preconceitos. Tudo o que não sei é a minha parte maior e melhor: é a minha largueza. É com ela que eu compreenderia tudo.

Clarice Lispector

Para iniciarmos este movimento de escrita escolho em minha Caixa de Ferramentas o instrumento da “largueza” proposta por Clarice, uma vez que, de acordo com ela, a largueza representa tudo o que ainda não sabemos e, por isso mesmo, está diante de um campo não explorado do nosso pensamento e livre de preconceitos. Assim me coloco à mercê das vivências e emoções produzidas pelo território desse trabalho para, de maneira plena, preencher em mim os vazios ocasionados pelo não saber. Considero a tarefa insana, porque acredito que tais vazios não serão preenchidos em sua multiplicidade já que constantemente os movimentos, os encontros e os desvios da vida nos levam para frequentes mutações, trazendo sempre novos conhecimentos ou aprofundando os que já trazíamos em nossa bagagem. Em função disso, seremos sempre sujeitos inacabados, sujeitos capazes de inventar e de se reinventar.

Uma das formas de preencher os vazios, os quais nós trazemos como professor e pesquisador, é nos colocar presentes dentro do território que queremos estudar. Dessa forma, para esse movimento, trazemos as escadarias que dão acesso ao segundo pavilhão de certa escola e, por consequência, às salas de aulas, uma vez que são elas as grandes corresponsáveis pelas emoções emergentes nesse movimento. Não parece uma escola qualquer. Talvez uma escola “artistada” no movimento criação/invenção. Talvez só uma escada.

Assim, quando tocou o sinal às 7h da manhã, nos dirigimos às salas para darmos início a mais um dia de aula. Escuto algo, era um sussurro. Mas de onde vinha? Quem o reproduzia? Era uma professora, com a face enfadada e a voz em tom pesaroso, enunciando naquele momento a seguinte afirmação “E assim vamos nós subindo mais uma vez as escadarias da escola”. Estranhamente fomos tocados por essa fala; ficamos pensando “seria um sacrifício subir aqueles degraus”? O que nos aguardaria ao seu final? E rapidamente surge em minha mente a imagem de várias escadarias e bifurcações. Penso em Borges e na impossibilidade do destino final. As veredas sempre se bifurcam nos jardins borgianos. Seria igual na escadaria? E – como em uma brincadeira de roda em que, em frações de segundos, cantigas e anéis giram -- fiz algumas analogias: tais escadas poderiam ser, ao mesmo tempo, as simples escadas presentes em uma escola nos levando a várias salas de aulas, ou poderiam ser também o famoso ponto turístico conhecido como “Escadaria Selarón” (nome oficial) ou popularmente conhecido como escadaria da Lapa.

Conta-se que o artista plástico e azulejista Jorge Selarón decidiu modificar os “ares” da escadaria que dava acesso ao Convento de Santa Teresa uma vez que tal rua permitia apenas a circulação de pedestres devido à sua grande inclinação. Tal feito, iniciado em 1990 e terminado com sua morte em 2013, tornou-se um dos mais belos cartões-postais do Rio de Janeiro – a Cidade Maravilhosa. A obra tem em sua composição diferentes azulejos fabricados e/ou customizados por ele e também trazidos de diversas partes do mundo por pessoas que admiravam o seu trabalho. E, por ter essa mistura única e atrativa compondo ou com a diversidade ou com os cacos e restos, moldou-a única e singular. Na multiplicidade tornou-se singular, na singularidade, múltipla!

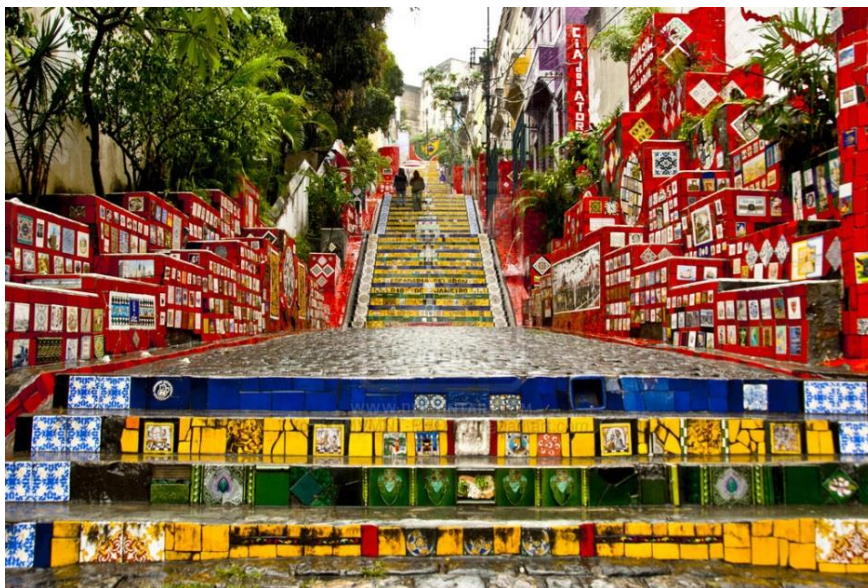


Figura 1 – Escadaria Selarón

Fonte: <https://meumundoporai.files.wordpress.com/2015/02/escadaria-selaron.jpg>

Afinal por que evocamos a imagem dessa escadaria? Existe alguma relação entre as Escadarias Selarón e as Escadarias da Escola? Da escola que constituiu o território desta pesquisa? Por que uma obra de arte de algum modo adentrou e afetou meu cotidiano professor/pesquisador? Era um “artista” das práticas cotidianas de Educação Matemática? Borges e Selarón movimentam-se, criando possíveis devires.

Evocamos essa imagem devido à beleza e importância como patrimônio cultural do nosso País e, por ver, nessa composição, a inspiração-momento de que, ao subirmos pelas escadarias da escola, estaremos em contato com um mundo totalmente dinâmico, repleto de encontros, afetos, experiências, fluxos desejantes. Como “artista” a sala de aula? Como entra a questão da arte no mundo fechado dos símbolos matemáticos? Como transitar da subjetividade de um quadro de Pablo Picasso até a objetividade da Matemática? O Além Professor passa pela arte? Posso na sala de aula de Matemática assistir com meus alunos a um filme sobre algo distinto da proposta de ensino da disciplina? Afinal: Os Morangos eram matemáticos ou os símbolos da lousa eram Silvestres?

A pintura e a música e a dança e a escultura, enfim, as artes plásticas criam laços permanentes e afetos diretos com seu entorno. Nosso cotidiano. Dinamizam e potencializam pensamentos. Transmitem sentimentos e compõem afetos. Diretos. E a aula de Matemática? Cria ou potencializa ou dinamiza o quê? Qual Estética tem? Qual a Ética? Existirá o Belo ou o Bem na aula de Matemática? Pode a aula de Matemática transmitir sentimentos? E afetos?

Coube então a mim, como cartógrafo imerso nesse território, perceber as paisagens ou os caminhos ou os fluxos criadores e diferenciá-los de práticas cotidianas

castradoras/disciplinadoras presentes dentro desse território escolar. De tal maneira, temos a escola e a sala de aula como um território a ser visto e explorado, vivenciado, sentido, estudado e, por fim, cartografado.

E da mesma forma que Selarón, desprezando qualquer modelo e dando vazão ao seu fluxo de criação, conseguiu modificar os ares cinzentos das escadarias da Lapa, questiono-me sobre o que devemos fazer para modificar os ares escuros da escola? E na maioria das vezes as respostas estão nas vozes dos nossos próprios alunos. Eles pensam em possibilidades, táticas e estratégias para conviver com um território que pode – a um só tempo – ser único, dinâmico, atrativo ou violento, normatizado e punitivo.

Com isso, primeiramente cabe ressaltar que não queremos apontar resoluções únicas de trabalho pedagógico, pois acreditamos que não existe **um único** caminho para solucionar as dificuldades do sistema educacional brasileiro. Acreditamos que cabe a comunidade escolar (equipe gestora, professores, alunos, pais) que compõe o território onde eles estão inseridos traçar os caminhos corretos para uma escola realmente significativa e com sentido para essa comunidade. Mas é interessante notar que uma das alunas que frequentavam o território desta pesquisa afirmou:

Teria que os professores, toda a equipe gestora, os alunos, tinham que ter uma participação maior no dia a dia da escola e no desenvolvimento do aluno. Tinha que mudar também o jeito de dar a matéria, o jeito de ensinar, porque só ficar na apostila, não vira nada não. Eu acho que tinha que tirar esse negócio da apostila. E sairmos dos limites da escola para fazermos alguma coisa diferente, mas que envolva a escola também. E tirar as câmeras, tirar as grades, apesar de que eles acham que é uma proteção para a gente, porém nos sentimos um pouco presos também, porque parece uma cadeia. (Aluna da 1ª série do Médio)

Na enunciação da aluna, fica explícito que, dentre os vários problemas percebidos pelos alunos presentes na escola (fato esse constatado em nossas conversas com eles), um é a forma como é concebida a maneira de ensinar, uma vez que essa maneira se faz presente de forma a massificar, de padronizar, de pasteurizar e de classificar conteúdos disciplinares, alunos e professores. Consequentemente o ensinado na escola é regrado, dividido, fracionado para ser deglutido por alunos e professores. Engolido. Como a Dobrada à Moda do Porto, de Fernando Pessoa, na expressão de Álvaro de Campos:

Um dia, num restaurante,
fora do espaço e do tempo,
Serviram-me o amor
como dobrada fria.
Disse delicadamente
ao missionário da cozinha
Que a preferia quente,
Que a dobrada
(e era à moda do Porto)
nunca se come fria.

Impacientaram-se comigo.
Nunca se pode ter razão,
nem num restaurante.
Não comi, não pedi outra coisa,
paguei a conta,
E vim passear para toda a rua.

Quem sabe o que isto quer dizer?
Eu não sei, e foi comigo...

(Sei muito bem que na infância
de toda a gente houve um jardim,
Particular ou público, ou do vizinho.
Sei muito bem que brincarmos
era o dono dele.
E que a tristeza é de hoje).

Sei isso muitas vezes,
Mas, se eu pedi amor,
porque é que me trouxeram
Dobrada à moda do Porto fria?
Não é prato que se possa comer frio,
Mas trouxeram-mo frio.
Não me queixei, mas estava frio,
Nunca se pode comer frio, mas veio frio.

No sistema educacional de países como o Brasil, o currículo das escolas e das disciplinas é servido como a Dobrada à Moda do Porto. Talvez congelados. Obrigam aos professores a cumprir os conteúdos programáticos presentes e estruturados nos planos nacionais, nos currículos estaduais, nos PCN(s) ou assemelhados. Guias ou Bases ou Parâmetros... Normalizar o ato educativo, esse é o limite! Assim, essa citação – da aluna e do poeta – vem deslindar toda essa estrutura vertical, de poder e força perante os mais fracos. Poderes violentos.

Certamente se a Escadaria de Selarón fosse feita apenas de azulejos milimetricamente medidos, idênticos e comuns, não teria ela a beleza que tem e passaria a ser apenas uma escadaria comum como qualquer outra escadaria que dá acesso a algum lugar. A sua beleza se dá justamente por ela fugir do padrão, por ela não ser normalizada. Como pensar a Educação Matemática sendo uma escadaria de Selarón? Como formas padronizadas de dar aula, com os

mesmos materiais, técnicas, de ponta a ponta num país ou estado podem educar nossas crianças? Ou algo terrível está ocorrendo?

Souza (2013) descreve em tons cinzentos nossas escolas:

Começamos. Certo cenário em certa escola. Qual? Pode ser a da esquina. Há uma atmosfera de tom gris. Veja. Pessoas passam nos corredores, nem se olham. A paisagem é fria, gelada. Salas de aula repletas de gente. Gente quieta. Às vezes baderneira. Também não se olham. Não existem outros por aqui. Em uma sala, o professor de matemática está passando mais uma lista de exercícios. Mas não tem jeito, em Matemática Escolar a doutrina não está funcionando. As pesquisas educacionais recentes sugerem que os alunos mal conseguem copiar: copiam os números e as operações. Eles só desenham os números e as operações matemáticas. Signos de nada. Talvez de giz. (SOUZA, 2013. p.213)

Verificamos nos mecanismos de avaliação, nas principais provas de larga escala do nosso estado ou país (Saresp, Prova Brasil e Enem), criado pelo poder disciplinar, um nível de fraco conhecimento matemático. Verifica-se, a cada nova edição, ano após ano, que, embora com um maior número médio de anos escolarizados, cursados na escola básica, o nível de conteúdos reconhecidos pelos alunos vem diminuindo ao longo do tempo, e o aluno que se encontra nas séries iniciais tem, em proporção, as mesmas habilidades e competências de um aluno que está finalizando o ensino médio. Ou seja, as lacunas e/ou defasagem vêm aumentando com o passar dos anos de escolarização, sendo alguns dos motivos apontados, no geral, e pela mídia: a falta do hábito de leitura; a ausência dos hábitos de estudos diários; o desinteresse pelas aulas, transferindo aos alunos os problemas que são da Educação. Motivos esses decorrentes, inclusive, das massificações e padronização das aulas, as quais, numerosas vezes, impossibilitam a construção de sentido à parcela significativa do alunado.

De acordo com Gallo (2012), temos o exemplo clássico do ato de conhecer no sentido platônico/recognitivo:

Em poucas palavras, Platão afirma que o conhecimento é uma função da alma racional. Como esta alma é eterna, ela participa do “mundo das ideias” (que é diferente do mundo material, sensível, cópia imperfeita daquele) e, assim, a alma racional participa das ideias, as conhece, as contém em si. A questão é quando a alma se encarna em um corpo que nasce, dadas as limitações do material, ela se esquece de todas as ideias. Ao longo da vida, a alma vai, aos poucos, se “recordando” daquilo que já sabia. O aprender constitui-se, pois, numa recognição, em voltar a saber algo que já se sabia. (GALLO, Sílvio. 2012)

Com isso, observamos que o ato de ensinar é algo que só pode ocorrer quando se é transmitido por outrem, ou seja, faz-se sempre necessária a presença de um terceiro, nesse caso chamado de professor. Assim, sendo o aluno um receptor do conhecimento do professor, o qual, por sua vez, tenta intensificar, conduzir, determinar e quantificar o que será transmitido para o educando. Dessa forma, podemos classificar o ensino numa modalidade de reconhecimento. Isto é, o aluno tem sempre que acionar, entrar em contato com o mundo das ideias, onde se supõe que, em algum momento de sua existência, de alguma forma, este teve um contato com o que lhe é transmitido pelo professor. Em decorrência disso, surge sempre a necessidade de o aluno orbitar sobre a trajetória do professor.

Além disso, temos ainda a falta de afetividade e de trabalho em equipe dos professores e dos alunos. Assim:

Não há método para encontrar tesouros nem para aprender, mas um violento adestramento, uma cultura ou paideia que percorre inteiramente todo o indivíduo (um albino em que nasce o ato de sentir na sensibilidade, um afásico em que nasce a fala na linguagem, um acéfalo em que nasce pensar no pensamento). (Deleuze, 1988, p. 237)... Mas a cultura é o movimento de aprender, a aventura do involuntário, encadeando uma sensibilidade, uma memória, depois um pensamento, com todas as violências e crueldades necessárias, dizia Nietzsche, justamente para "adestrar um povo de pensadores", "adestrar o espírito". (DELEUZE, 1988, p.238)

Temos, nas teorias vigentes da aprendizagem, quase sempre de base psicológica, uma junção do ensino e da aprendizagem (ensino-aprendizagem) como se fossem uma coisa única. Um único movimento em que o professor é o ente ativo e o aluno o ente passivo. Uma única fórmula de reconhecimento. Dessa forma, o que deve ocorrer é a aprendizagem derivada do ensino. Uma causa, um efeito. Logo passível de medição. Esta é a lógica que fundamenta a possibilidade de quantificar, identificar, classificar, rotular, determinar o porquê, o quando e o como um sujeito aprende. Porém, ressalta-se o agravante de a escola permanecer reafirmando o seu sentido de presídio, pois continua seguindo o poder disciplinar.

Na contramão dessa tendência, nas linhas que se seguem, queremos separar o ensinar do aprender, colocando entre eles uma grande fissura, um abismo como se esse fosse causado por um raio.

A partir desses pressupostos, a aprendizagem é entendida com Deleuze (1988) como algo não dado ou previsto na ordem das coisas. Ela ocorre quase por “acaso” nos devires e encontros que a vida proporciona a cada um. Como um puzzle, as faculdades, habilidades ou competências se encaixam não como algo previsto e organizado em um grande quebra-cabeça, mas na forma quebrada daquilo que traz e transmite a diferença. (SOUZA, 2013. p.213)

O Aprender está à contra fluxo do pensamento cognitivo. Para embasar o nosso pensamento, temos em Deleuze, o qual não escreveu propriamente sobre educação, mas que lança luz a uma concepção diferente do aprender, buscando uma concepção não platônica, e por isso de não reconhecimento. Com ele percebe-se que o ato de aprender é algo totalmente singular, próprio de cada sujeito que, de uma forma que não sabemos explicar, o adquire de maneiras singulares, então os signos (aquilo que se é exposto) encontram e afetam de alguma forma o sujeito presente nessa situação.

A diferença da primeira para segunda ideia é a maneira como colocamos o nosso olhar, ou seja, a diferença está na posição do observador. Na primeira, temos a visão diretamente focada na pessoa que transmite, isto é, no professor. Já, na segunda, a nossa visão se volta para o aluno, ou aprendiz, aquele que, de alguma forma, se encontra com os signos, não importando, como, onde, quem ou o que os emite.

Com isso, em *Diferença e Repetição* (2006), Deleuze nos diz que:

O aprendiz, por outro lado, eleva cada faculdade ao exercício transcendente. Ele procura fazer com que nasça na sensibilidade esta segunda potência que apreende o que só pode ser sentido. É esta a educação dos sentidos. E de uma faculdade à outra, a violência se comunica, mas compreendendo sempre o Outro no incomparável de cada uma. A partir de que signos da sensibilidade, por meio de que tesouros da memória, sob torções determinadas pelas singularidades de que Ideia será o pensamento suscitado? Nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender – que amores tornam alguém bom em Latim, por meio de que encontros se é filósofo, em que dicionários se aprende a pensar. Os limites das faculdades se encaixam uns nos outros sob a forma quebrada daquilo que traz e transmite a diferença. (DELEUZE, 1988, p. 237)

Portanto, quando usamos como referência de trabalhos os escritos de Deleuze, jogamos por terra todas as metodologias, materiais, provas de alta escala e regras para ensinar e aprender que somos cotidianamente obrigados a utilizar em sala de aula. Afinal essa maneira de trabalho como Deleuze sugere, é feita através de táticas elaboradas pela sensibilidade dos sujeitos que se fazem presentes naquele momento do território escolar.

Acabando assim, com as atitudes de opressão que ocorrem por todos os fluxos no território frio, estriado da escola.

Devido aos baixos níveis de aprendizagem verificados no cotidiano escolar e nos exames nacionais e internacionais de aprendizagem em Matemática, na atual realidade escolar brasileira, podemos inferir que essas metodologias, que hoje vigoram, fracassam. Por que existirem os “Cadernos do aluno”⁴ se as provas diagnósticas e a busca insana por índices responsáveis pela classificação de melhores escolas mostram, em dados claros e irrefutáveis, que a grande maioria de nossos alunos sempre fracassa?

Talvez seja essa, embora intuitiva, a percepção revelada pela aluna, sem sequer conhecer o pensamento de Deleuze. Segundo ela, precisamos buscar outras formas de aprender, a fim de que a escola se torne um território que potencialize os nossos fluxos desejanos, as nossas vontades de criar. Nos dizeres de Oswaldo Montenegro (1997), “que a arte nos aponte uma resposta, mesmo que ela mesma não saiba. E que ninguém a tente complicar, pois é preciso simplicidade pra fazê-la florescer”. Pensamento que podemos trazer para o interior da educação fazendo da escola um espaço livre para a criação, de trânsito para a arte, como caminho para educar, arte que não tem juízo de valor, porém que esteja aliada à ética do ser e do cuidado de si, fazendo-se presente, trazendo consigo o fluxo do pensamento de quem a cria.

Caso contrário, a cultura que julga prevalece. Ou seja, renasce, entre nós, a censura que dita regras, que limita a visão de mundo onde podemos corroborar essa ideia em Deleuze quando escreve que:

[...] a cultura é o movimento de aprender, a aventura do involuntário, encadeando uma sensibilidade, uma memória, depois um pensamento, com todas as violências e crueldades necessárias, dizia Nietzsche, justamente para "adestrar um povo de pensadores", "adestrar o espírito". (DELEUZE, 2006, p.237)

⁴ Caderno do aluno é um material de apoio fornecido duas vezes ao ano pela Secretária de Educação do Estado de São Paulo a todos os alunos da rede estadual, através do Programa São Paulo Faz Escola e visa a auxiliar os alunos dos Anos Finais e Ensino Médio a desenvolver as competências estabelecidas pelo Currículo Oficial, e esse traz em sua base os Parâmetros Curriculares Nacionais.

As cartas que falam por si



3ª Carta (aluno Joaquim Soares)

Franca, algum dia do ano X.

Caro Pablo de Vantis y Vantis, tudo bem?

Para iniciarmos a nossa conversa farei uma apresentação breve, meu nome é Joaquim Soares, sou um jovem de 15 anos, morador da periferia de Franca e atualmente curso, no período da manhã, a primeira série do Ensino Médio.

Quando o Professor Bene nos pediu para escrevermos uma carta a você, jamais poderia imaginar que, em seu planejamento, havia a possibilidade de realmente a enviar, pensava que fosse apenas mais uma tarefa que valeria alguma nota, mas, passado um tempo, ele nos revelou o seu real objetivo de lhe remeter, nos deu algumas sugestões de mudanças e pediu que quem quisesse poderia reescrever. Eu, mais que de imediato aceitei, e aqui estou trocando algumas ideias com você, nem sei se me responderá, imagino que deve ter uma vida bem corrida, mas não perco o desejo de ter uma resposta.

Bom, vamos começar a trocar algumas ideias.

Sempre gostei de vir à escola, pois cresci ouvindo os meus pais falando que apenas pela educação conseguiria ser alguém na vida. Isso muito me intriga, pois penso como pode uma escola, cuja maioria de seus professores utiliza, durante toda a sua trajetória, o mesmo estilo de aula, ser tão decisiva para a vida de seus muitos e tão diferentes alunos, visto que a preocupação da grande maioria dos professores se faz apenas nas reproduções de conceitos. Porém, além desses, temos aqueles outros cujo principal objetivo é cumprir o “tal” do caderninho do aluno, alguns chegam simplesmente a passar as respostas na lousa, sem se dar ao trabalho de explicar o porquê das mesmas.

Gosto, na verdade, das aulas em que vejo o brilho nos olhos do professor ao falar de determinado assunto, tipo as aulas do professor Bene são sempre tops, pois ele nunca dá a resposta de graça, ele sempre nos força a pensar, pra depois, em conjunto, chegarmos a

alguma solução. Em algumas aulas dele, fico até com dor de cabeça de tanto pensar. E são essas as aulas de que gosto mais.

Sabe, sinto que dentro da escola são poucos os funcionários que realmente olham para nós alunos, já escutamos diversas vezes que não importa “se eu der aula ou não der, no final do mês o meu salário é o mesmo”. Na maioria das vezes temos muito mais carinho pelas “tias” da limpeza do que por outros funcionários da escola.

Vejo a escola como um lugar sem vida, “saca”? Todos os dias são sempre as mesmas coisas, entra ano e sai ano, até parece que entramos em uma fábrica de calçados e temos de ficar dentro dela até completarmos o ensino médio. Tipo assim, todo dia é sempre a mesma coisa, acordo cedo, venho pra escola e tenho os mesmos estilos de aulas, trocando apenas o conteúdo, mas é sempre igual: o professor passa a teoria, explica, passa alguns milhares de exercícios e corrige, depois ele passa uma prova e, logo em seguida, inicia tudo novamente, é tudo muito mecânico e repetitivo.

Aí quando o professor não usa o livro didático, ele usa o caderno do aluno que, pra mim, serve apenas para pergunta e resposta e não deixa de ser material inútil e dispensável. Na verdade, eu gostaria de ver mais os professores dando aula, porque muitos trocam as suas aulas pra darem o caderninho, acho que os professores tem muito mais capacidade do que o próprio caderninho. Porque as aulas, quando são apenas para usar o caderninho, são como se fossem uma obrigação para eles, muitos nem concordam com esse material, mas têm que utilizar, porque é regra da escola, regra do estado, regra nem sei de onde... Quando eles estão usando esse material vejo que nem querem dar aula, é como se eles estivessem presos ao material. Eu não gosto de fazer esse caderninho, digo por mim mesmo, presto muito mais atenção na aula quando ele não usa (parece que a aula fica mais interessante!) do que ao contrário.

Reconheço ter muita coisa boa na escola, mas essa ideia do caderninho e de ser sempre do mesmo jeito me cansa um pouco. Gosto de pensar que nem sempre foi assim, acho que isso é um desgaste e vem acontecendo de pouquinho, não apenas aqui, mas em todo mundo e ao longo do tempo. Porque se formos ver é uma educação que não ajuda, às vezes um professor, percebendo não ter mais jeito, acaba desistindo, não propõe nada de diferente, não incentiva e aí fica difícil, e infelizmente é uma porcentagem grande que age assim. Temos alguns que

conseguem dar aula bem, explicam bem, dão atenção para a gente e transmitem aquilo que eu preciso.

E uma maneira de fazer as coisas melhorarem é tentando fazer a escola ficar mais atrativa, falta também maiores investimentos, mudar o jeito um pouco. Falta alguém que consiga mudar esse jeito da escola ser. Muitos alunos querem mudar a escola, mas não sabem como fazer isso. Parece que tem gente não entendendo a gente, e querem as coisas desse jeito. Acho que o governo está querendo nos limitar, muita coisa que podíamos saber ou professor podia passar não aprendemos ou não é passado. Apesar de utilizarmos a Matemática em muitos momentos do nosso dia a dia, na maioria das vezes, o que aprendemos na escola acabamos por não utilizar, parece que a Matemática da escola é diferente da Matemática da vida. Na vida nunca se sabe o que vai ocorrer, agora na escola é só fazer contas, são duas Matemáticas diferentes.

Acredito que os professores deveriam ser mais unidos com os alunos. Para termos uma escola melhor, devemos lutar contra esse sistema que nos mantém presos. Pra isso, devemos ir um pouco além do que o governo obriga. Um primeiro passo pra mudança é deixar os professores mais livres para darem aulas, diminuir a quantidade de alunos por sala. Isso tudo mudaria a força e a capacidade do professor dar aula.

Quando me refiro aos cadernos utilizados pelos professores, quero dizer que o mesmo modelo não se preocupa com o que cada turma, em cada ano, necessita. Dessa forma temos presente na escola apenas uma grande repetição de conceitos e o mais interessante é que, diversas vezes, ouvimos de pessoas de dentro da escola que devemos ser autônomos, autores do nosso aprender. Isso acaba trazendo uma grande diferença entre a teoria e a realidade.

Recordo nesse momento de uma música, sobre a qual tentei fazer uma charge, e que reconheço que não ficou tão legal assim, mas o interessante é a mensagem transmitida por ela, veja o que acha?

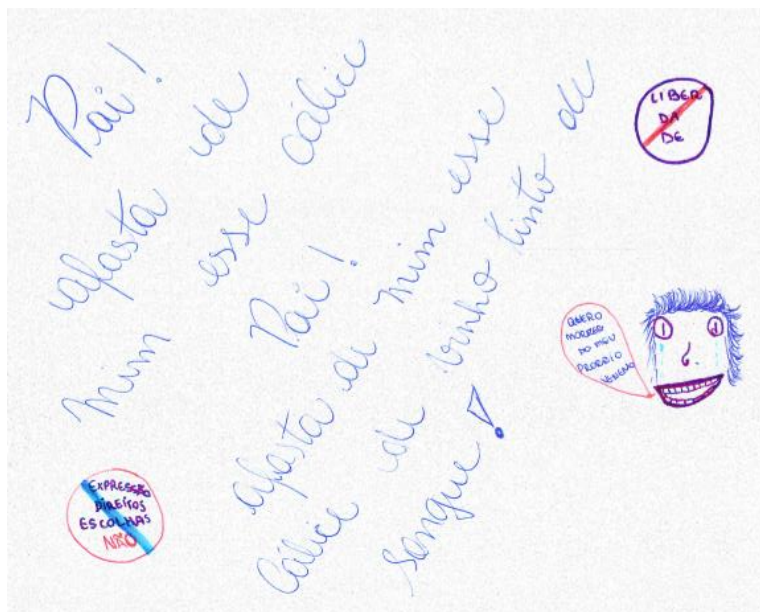


Figura 2 – Cálice
Fonte: Dados da Pesquisa

Nesse trabalho está presente uma canção, de autoria do baiano Gilberto Gil e do carioca Chico Buarque, música que nasceu no ápice da Ditadura Militar no Brasil marcada pelo sofrimento e pelo desejo de mudanças de muitos dos jovens daquela época. E pouquíssima coisa mudou de lá pra cá. Lutamos ainda para não sermos calados, sufocados e torturados por uma escola, por um estado e, por consequência, um sistema que visa, em sua grande maioria, o não pensar sobre as coisas e os fatos. Afinal, basta apenas copiar as respostas dadas pelos professores para preenchermos as páginas do caderno do aluno. Lutamos em busca do nosso lugar ao sol, na esperança de dias melhores e mais justos. Digo lutamos, pois é essa a minha realidade e a dos meus amigos, cada um luta de uma forma diferente, outros vão pro mau combate, se entregando aos vícios, as atitudes ilícitas e desrespeitosas, porém existem aqueles que são uma maioria que está em busca de ser boa pessoa, de conquistar com o suor do rosto, os seus sonhos, esses últimos são mais tímidos e, talvez, por isso, tenhamos a sensação de que eles são uma minoria.

Vou ficando por aqui, esse é um dos temas que mais me perturbam na escola.

Deixo um abraço e agradeço pela sua atenção.

Abraços,

Joaquim Soares

As cartas que falam por si



4ª Carta (Escritor Pablo de Vantis y Vantis)

França, algum dia do ano X.

Grande menino Joaquim,

Recebo com profundo apreço a sua carta, fico feliz e lisonjeado por poder participar dessa troca de ideias.

Sua carta me trouxe alguns desarranjos. É triste, porém previsível de constatarmos que as práticas as quais povoam o território escolar se apresentam tão distantes das necessidades pedidas pelos jovens. Sinto, em sua e nas demais cartas, que recebo o desejo sincero de vocês que buscam diferentes maneiras para modificar, ou pelo menos tentar, esse solo árido, quase estéreo, por onde a vida circula e busca com sofreguidão encher os pulmões de ar para continuar na batalha.

É triste vermos que a escola cumpre exatamente o papel pelo qual foi criada, sabemos que a mesma serve justamente pra isso, serve pra matar a vida, e robotizá-los, de modo que se facilite a criação de um exército com capacidades ímpares de obediência e de disciplina.

Há tempos notamos que ela assume cada vez mais o seu papel, mesmo que em seus discursos a história

seja outra, como disse, ouvimos e lemos constantemente ser a escola um ambiente para se obtiverem cidadãos críticos e conscientes de suas possibilidades e deveres, mas quando olhamos pra esse sistema já instituído o qual deve ser regido por normas estabelecidas, em sua grande maioria, por pessoas que, em alguns casos, sequer estiveram presentes como professores ou pesquisadores dentro de uma sala de aula. Pessoas encomendando normas dentro de seus gabinetes, ou pensando em diretrizes, materiais de apoio para serem implantados dentro de diversas escolas localizadas em variados pontos de um estado.

Sabemos que os materiais fornecidos podem até apresentar uma boa qualidade, mas ao serem implantados em uma larga escala, criando padrões e regras, muitas vezes, perdem o seu sentido. Pensamos como padronizar a maneira de utilizar um material em uma rede de educação que hoje apresenta mais de cinco mil escolas com 10 milhões de alunos e uma infinidade de professores, seria, no mínimo, uma falta de malícia tentarmos instituir esse padrão e uma insanidade lográ-lo fazer.

O que devemos fazer então para modificar os ares desse território composto por vidas e por multiplicidades e singularidades transitantes por suas paredes? Poderíamos dar-nos a chance de sermos artistas dentro dela, artistas que dão vazão aos seus fluxos criativos e de curiosidades, ou seja, devemos

artistar esse território, cada um deve, junto com a sua comunidade, elaborar outros caminhos para significar a sua presença nesse território, sigamos a inspiração de Jorge Selarón o qual, por não gostar dos aspectos das escadarias localizadas em frente à sua casa, resolveu utilizar as suas habilidades como artista plástico e ceramista para transformar um local "chato" e cinzento que dava acesso ao Convento de Santa Tereza em um dos cartões postais da Cidade Maravilhosa.

Que esse território seja regido apenas pelos fluxos de criação, que nele possa brotar a vida, a vontade e os novos caminhos. Que cada comunidade elabore a sua própria maneira de conduzir o trabalho, pois não cabe a mim nem quero propor metodologias de trabalho de condução. Trago apenas sugestões, ideias e inspirações.

São esses alguns dos caminhos que me vêm à mente nesse momento, que possamos juntos lutar e resistir contra esse sistema instituído desde há muito tempo.

Deixo-lhe um grande abraço, e o desejo de continue resistindo e pensando, criando e agindo.

Pablo de Vantis y Vantis

4 ... QUEM VIGIA O VIGIA?



Pane no sistema, alguém me desconfigurou
 Aonde estão meus olhos de robô?
 Eu não sabia, eu não tinha percebido
 Eu sempre achei que era vivo
 Parafuso e fluido em lugar de articulação
 Até achava que aqui batia um coração
 Nada é orgânico, é tudo programado
 E eu achando que tinha me libertado
 Mas lá vêm eles novamente, eu sei o que vão fazer
 Reinstalar o sistema
 Pense, fale, compre, beba
 Leia, vote, não se esqueça
 Use, seja, ouça, diga
 Tenha, more, gaste, viva
 Pense, fale, compre, beba
 Leia, vote, não se esqueça
 Use, seja, ouça, diga
 Não, senhor, sim, senhor
 Não, senhor, sim, senhor
 (Pitty – Admirável Chip Novo)

Em “Admirável Chip Novo”, a cantora Pitty faz uma interlocução com o Livro “Admirável Mundo Novo”, de Huxley, e ambos fazem uma dura crítica ao sistema em que estamos inseridos, sistema esse que nos vigia e monitora em todos os momentos. Vigia-nos por meio das leis, das regras. Essas vão minando as nossas forças e submetendo a grande maioria de sujeitos à vontade do Estado e, com isso, eliminando o desejo de criar e de agir diferente da massa. Além disso, nos monitoram pelos olhos da igreja, da escola, das câmeras

de segurança, que nos acenam com a falsa sensação de segurança. E dentro desse sistema nos perguntamos onde está a individualidade, a singularidade dos sujeitos? Onde está o seu livre arbítrio? Olhando para esse sistema de poder a questão surge: quem vigia o vigia? Quem fiscaliza o sistema? Trazemos essa indagação, pois a mesma nasce dos diálogos realizados em nossa produção de dados. Direcionando o nosso olhar para o sistema educacional, questionamo-nos: Quem desempenha o papel de vigia nesse sistema?

Ao longo de nossa pesquisa vários afetos e forças do fora agitaram um pensar acerca do papel do vigia. Evidenciamos inicialmente a identificação do poder como fluxo e não como algo centrado. Pois se modifica conforme voltamos o nosso olhar para os diferentes sujeitos que compõem o território escolar. Dessa forma, os fluxos de poder podem ser deslocados de o aluno vigiando as práticas de seus professores ou dos membros da equipe de gestão para o professor que vigia o aluno e que está vigiando o diretor como um ser presente nos membros da equipe gestora o qual está sempre vigiando os professores e/ou os alunos.

Enfim, a forma como a instituição escolar está organizada torna cada vez mais complexa a possibilidade de definir um único representante desse vigia, todos fazem parte de um sistema estruturado para a domesticação dos corpos. Além desses sujeitos, temos também os aparelhos de segurança, tais como alarmes, câmeras. Ou seja, nem sempre é preciso ter uma pessoa ou alguma coisa para vigiar os sujeitos desse território, visto que, algumas vezes, obedecemos a regras sem ter nenhum desses mecanismos de segurança, pois somos educados, socializados e subjetivados para tal ato.

Então vale a pena nos questionarmos, se é possível existir entre os sujeitos que compõem o território escolar, no momento em que estão no papel de vigia, algum tipo de agenciamento?

Começamos a buscar a resposta dessa questão por um dos entendimentos que se tem sobre agenciamento, em Deleuze e Parnet (1998):

[...] uma multiplicidade que comporta muitos termos heterogêneos e que estabelece ligações, relações entre eles, através das idades, sexos, reinos – de naturezas diferentes. Assim, a única unidade do agenciamento é o co-funcionamento: é a simbiose, uma "simpatia". (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 84)

Assim, é considerando o pensamento exposto acima por Deleuze e Parnet, em que percebemos a complexidade de nossa inquietação. Notamos em nossa produção de dados que ocorrem os agenciamentos em algumas relações, porém torna-se difícil determinar como eles acontecem.

Observando a realidade das escolas de hoje e a complexidade dessas relações, outras questões surgem e nos debruçamos sobre elas: Poderíamos realmente considerar a escola como um espaço de agenciamentos? Estaria ela preparada para lidar com os sujeitos que fazem parte da geografia desse território, considerando sua singularidade?

E em busca de tais respostas, direcionamos primeiramente o nosso olhar para as estruturas físicas de nossas escolas, a forma como são organizadas. Hodiernamente, em sua grande maioria, vemos que a arquitetura escolar segue, basicamente, aquela proposta no Panóptico de Bentham e, trabalhado por Foucault em “Vigiar e Punir”. Para Foucault, a arquitetura Panóptica é vista como:

Na periferia, uma construção em anel; no centro, uma torre: esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas das torres; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. (FOUCAULT, 2013, 190)

Para se construir tal modelo físico seria necessário grande espaço geográfico, coisa que, nesse momento planetário de numerosa população em que nós estamos inseridos, tal demanda vem sendo atendida graças às tecnologias que gradativamente tomam a frente das instituições de poder disciplinar. Umbilicalmente ligados a elas, as nossas escolas paulistas têm modernizado e/ou atualizado a estrutura do Panóptico, utilizando as câmeras de segurança instaladas sob a justificativa de oferecer mais segurança, mas que, todavia, tomam o lugar da presença física do vigia dentro de cada sala e passa a ter, acima de tudo, o controle daqueles sendo disciplinados pelo estado, a distância, da comodidade de sua sala. Educação à distância e Vigilância à distância. 1984?

E como as regras ou normas ou disciplinas ou classificações ou exames ou enfim, a normalização gerada pelo poder disciplinar presente nessa estrutura, configurada para punir diferenças ao normatizado, age no sentido de naturalizar o cotidiano escolar em algo asséptico ou igual ou repetido ou planejado ou uniforme na deformidade. Uma vez que o atual sistema de educação já foi compreendido como natural pelos sujeitos, ou seja, é tão natural que o diretor ou o coordenador gritem na escola, como é natural que a reconhecimento seja o modelo pedagógico mais adotado nas diversas disciplinas escolares, então ser vigiado e punido é para o bem de todos os presentes no território escolar. Mas dentro desta monotonia existe o diferente.

Segundo Foucault, o poder engendra a resistência. Um poder de sinal trocado. Porém as perguntas que nos colocamos indagam a natureza da resistência como força de sinal trocado. Como inverter o sinal dos poderes que se exercem nas escolas? Podemos quebrar regras? Existe de fato um vigia? São os currículos uma forma de vigilância monótona? Os cadernos dos alunos, livros didáticos e provas de larga escala vigiam a quem? Estes currículos e apostilas são instrumentos de massificação?

Um grande número das instituições escolares vem concretizando, a cada dia e de uma maneira cada vez mais rápida, a tendência de se tornarem, cada vez mais, a reprodução fiel de uma penitenciária. Dessa forma, esse local vai tornando exponencialmente um lugar cinzento e desagradável tanto para os alunos quanto para os professores, pois não há, em seu interior, o espaço para a criação. De outro lado, as notícias do jornal dizem haver, em curso, uma grande rebelião no sistema carcerário brasileiro. Por conta de facções criminosas que atuam dentro dos presídios. Autoridades estão mobilizadas. Ministros do Supremo Tribunal Federal se agitam. Será que podem existir facções diferentes no presídio, perdão, escolas? Será que o Ministério da Educação e Cultura se agita?

A tal realidade, ou tal estranhamento, é considerada desagradável para muitas autoridades educacionais. Porém quando esse estranhamento é constatado pelas crianças e adolescentes que constituem o cotidiano da escola, se torna insuportável pelo fato de tais acontecimentos estarem na possibilidade ou porvir. Ouvir os jovens foi, para este pesquisador, verdadeiramente angustiante e, ao mesmo momento em que o afetou negativamente, fê-lo identificar uma significativa possibilidade de luta e de transformação.

Acho que a escola é muito parecida com uma prisão, veja: a prisão tem grade, aqui tem grade, na prisão tem sinal, aqui também, tem horário pra tudo. A escola tem recreio e eles têm banho de sol. Eles te colocam aqui dentro pra ver se aprende alguma coisa, e na prisão também. Só que na prisão a quantidade de pessoas que saem diferentes é muito pequena, às vezes saem mais revoltados, e aqui são poucos que conseguem sair daqui e ir para uma faculdade. É a mesma coisa. “Te” colocam aqui, mas não tentam mudar as coisas, para que aqui seja um lugar melhor, um lugar onde você tenha vontade de vir. É sempre a mesma coisa, eu me sinto presa aqui dentro. Assim, vejo que ambas estão equivocadas. Poucas são as pessoas que se modificam aqui dentro da escola. Pra mim, professor, a escola do jeito que ela está hoje não serve. São poucas as pessoas que conseguem sair diferente. (Trecho do diálogo com uma aluna da 1ª série do Médio)

Foi também uma verdadeira injeção de ânimo para que pudesse falar da realidade escolar sem enfeitá-la, como expressa o ditado popular “sem tampar o sol com a peneira”.

Dessa forma, a partir do olhar juvenil atual, refletimos: Como deixar de se afetar ao ouvir o que foi transcrito acima? Como não pensar a partir dessa força do fora? Como não repensar minhas práticas docentes? Como não estar presente com esses jovens que demonstram total sensibilidade para ver a realidade escolar? O que podem a Matemática, a Geografia, a Língua Portuguesa, enfim as disciplinas que se encontram trancafiadas cada uma em seu limitado território, aplicando as leis, as regras, os teoremas, os axiomas? A insensibilidade do educativo consegue calar os gritos ou sussurros ou murmúrios ou burburinhos que proliferam nos pátios das escolas? Como deixar de ser afetado ou de ouvir ou de ver os alunos?

Nós continuaremos – professores e a comunidade escolar – dando conta apenas, ainda que superficialmente, de cumprir as ordens do estado, porém negligenciando, na maioria dos casos, a possibilidade de auxiliar e ser auxiliado por esses alunos? Nas palavras de Deleuze (1992) “Um pouco de possível senão eu sufoco”.

É nesse contexto que se torna cada vez mais complexa a realidade da educação de um modo geral. Quando pensamos que chegamos ao fim de um processo de sucateamento e de desdém, acreditamos na impossibilidade de não ter como piorar, surgem novas leis, medidas provisórias, que fazem com a situação ficar cada vez mais caótica. Infelizmente, notamos a luz no fim do túnel estar cada vez mais longe - ou que o fundo do poço seja apenas virtual remetendo ao velho Paradoxo de Zenão⁵, em que Aquiles desafia a tartaruga em uma corrida.

Deste modo, enquanto tratarmos a escola do século XXI com as mesmas características dos séculos passados, nós estaremos em constante retrocesso, estaremos na contramão dos avanços tecnológicos e das relações sociais dos dias de hoje.

Após olharmos para a estrutura física da escola, gostaríamos de direcionar o nosso olhar para as relações as quais a compõem para além da geografia física, situados em uma geografia dos afetos. Como em todo lugar existem diversas relações, geográficas ou históricas ou emocionais ou psicológicas que atravessam os diferentes sujeitos que habitam este determinado território. No espaço escolar não seria diferente, temos as relações de poder e as de afetos. Dessas relações nos chamam a atenção, em primeiro momento, as relações de poder que, em sua maioria, impossibilitam enxergar os sujeitos ali presentes, tal como se apresentam, os notamos como o vigia trancafia o carcerário ou o médico, o doente e o

⁵ Neste paradoxo, formulado por Zenão, de Élea, mesmo que em um ato de generosidade ou de autoconfiança, Aquiles deixa a tartaruga partir primeiro, de modo que só começaria a correr depois que a mesma tivesse percorrido uma determinada distância, de acordo com Zenão, a partir desse ato e contrariando o bom senso, ele afirma que jamais Aquiles conseguiria ultrapassar a tartaruga, pois uma vez que Aquiles corresse um determinado espaço para alcançar a tartaruga, a mesma já terá percorrido outro novo tanto de espaço, não estando no mesmo lugar, fazendo com que Aquiles corresse um novo caminho e assim novamente a tartaruga outra nova distância, estando os dois presentes em um ciclo infundável.

industrial, o operário. Vemos nossos alunos como simplesmente números, os quais podem ou não atingir índices de desempenho esperados. Assim, por meio desse mecanismo de força, de sequestro e até mesmo de tortura psicológica (assédio moral, coerção), temos a escola assumindo e afirmando a cada dia mais o seu papel de aparelho de domesticação de corpos, não promovendo espaço para a construção do diferente.

No passado, práticas escolares assim configuradas, eram aceitas sem muitos questionamentos – e não gostaríamos de desprezar aqui, os grandes nomes revolucionários do passado – porém hoje notamos a cada dia o crescimento da força e do protagonismo juvenil, com jovens ocupando ambientes legislativos, ambientes escolares que seriam fechados ou reorganizados, mostrando ser possível brigar ou lutar contra um sistema imposto e opressor.

Assim, buscamos a sustentação e somos levados a pensar com e a partir do filósofo Michel Foucault que afirma:

O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvidas adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e pôr massa em tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes. “Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais – pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. (FOUCAULT, 2013, 164)

Ao encontro da fala de Foucault, temos na realidade hodierna do território escolar, a disciplina como instrumento de controle. Assim a nossa sociedade acredita que uma sala disciplinada – em que a presença das singularidades é desprezada – é detentora de níveis altos de conhecimento. De modo que essa disciplina amplifica as capacidades dos sujeitos de uma sala de aula, é nessa disciplina que se consegue massificar para se formar indivíduos repetidores, acríticos, que recebem ordens sem questioná-las como verdadeiros robôs.

Contudo, o que percebemos, nas muitas vezes em que adentramos ambientes assim, é que apenas há submissão dos alunos pela simples prática da submissão, pois a liberdade de pensar, de questionar e refletir sobre variados temas, as quais ultrapassam as matrizes curriculares, existe, está latente e constitui a inquietação dos diversos grupos juvenis presentes nas salas de aula. As práticas escolares de submissão constituintes do cotidiano escolar de nossos educandos objetivam, nesses casos, apenas “fabricar” sujeitos-objetos. O desenho

exposto abaixo feito em nossos diálogos com os sujeitos que compõem esse trabalho retrata justamente isso.

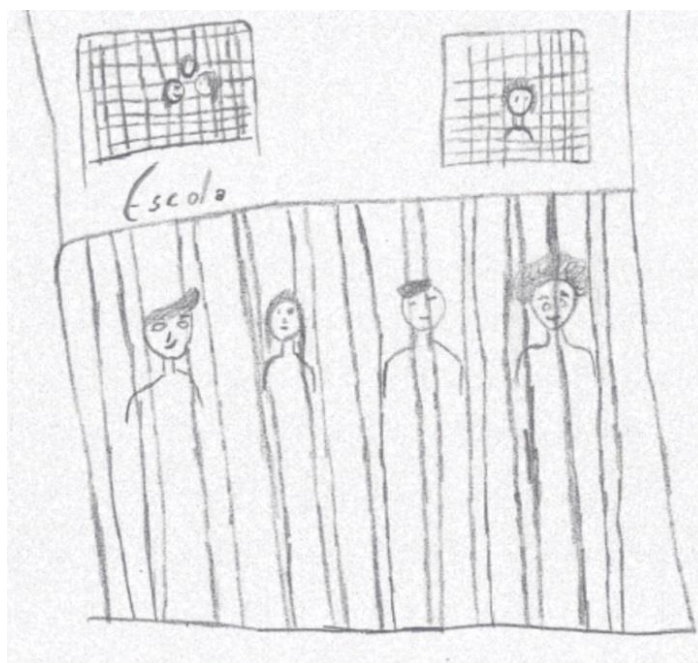


Figura 3 – A Visão da Escola
Fonte: Dados da Pesquisa

Em tal desenho que vai ao encontro das falas de alunos expostas nesse texto, temos as cicatrizes internas ocasionadas por práticas de subjetivação em muitos jovens escolares. Esses estão presentes na escola, acreditam e sentem que as marcas foram produzidas nos fluxos de poder existentes no cotidiano escolar a que estão presos. Sua escola não cumpre o papel de lhes dar as oportunidades de debater ou pensar ou fruir do conhecimento. De acordo com eles, faz-se necessário uma reformulação desse espaço. A urgência dos ecos ou gritos ou sussurros ou ruídos existentes nos pátios da escola evidenciam-se nos desenhos e falas do território de pesquisa.

Um artigo escrito por Hannah Arendt, no ano de 1957, alertava, já na época, sobre “A Crise na Educação” e, é espantoso perceber sua atualidade. Mesmo passados 60 anos, suas palavras retratam problemas que permaneceram e, talvez se acentuassem, e sinalizam-nos caminhos possíveis a serem traçados pelos territórios da escola.

A educação é assim o ponto em que se decide se se ama suficientemente o mundo para assumir responsabilidade por ele e, mais ainda, para o salvar da ruína que seria inevitável sem a renovação, sem a chegada dos novos e dos jovens. A educação é também o lugar em que se decide se se amam suficientemente as nossas crianças para não as expulsar do nosso mundo, deixando-as entregues a si próprias, para não lhes retirar a possibilidade de realizar qualquer coisa de novo, qualquer coisa que não tínhamos previsto,

para, ao invés, antecipadamente as preparar para a tarefa de renovação de um mundo comum. (ARENDT, 1954, 350)

As cartas que falam por si



5ª Carta (Aluna Aparecida de Lourdes)

Amigo Pablo, boa tarde!

Para começar essa carta ou só pra constar e ficar registrado, sou uma jovem negra, moradora da periferia de Franca, filha de mãe solteira (coisa que acho ridículo, não tem nada a ver ser rotulado assim), tenho 15 anos e me chamo Aparecida de Lourdes.

Como meu professor, através das leituras feitas de seus textos, conseguiu me atingir no contexto em que estamos inseridos?

Como continuar sendo a mesma depois das aulas que tivemos com o professor Bene? Aulas essas que muitas vezes me causavam uma profunda inquietação e uma vontade tremenda de mudar a realidade em que vivemos. Realidade que nos maltrata e nos inferioriza pelo nosso jeito de ser, por nossa cor de pele, pelo estilo do meu cabelo, pela nossa crença e pela nossa opção sexual. Opção que nem podemos afirmar existir, afinal, em que dia alguém optou por ser hetero, homo, bi, trans etc... Vivemos em uma sociedade a qual nos obriga estar dentro de uma caixinha, de um padrão normal, e lhe pergunto: quem foi o cara que definiu esse padrão?

A escola é o ambiente, o habitat, em que vivemos durante longos treze anos cada um com 200 dias letivos, totalizando aproximadamente

2.600 dias, e o que podemos falar desse local? Acredito que, passando tanto tempo dentro dela, posso falar com certa propriedade.

Vejamos bem, a maioria das escolas que conheço são sempre do mesmo jeito, fato esse confirmado por mim em conversas com vários amigos de escolas totalmente diferentes. Vivemos inseridos em um território totalmente estéril, frio, cinzento, onde as relações de amizades, em sua grande maioria, perduram apenas no tempo em que estamos juntos, formamo-nos no terceiro ano do Ensino Médio e muitas pessoas nem vemos mais. Relações são frias, porque mal sabemos o que se passa com o outro, quais são as suas dificuldades, seus anseios ou suas lutas.

Quando olhamos para o prédio da escola, ligeira e rapidamente percebemos sua semelhança com uma cadeia sem vida, apesar de ela ser povoada de jovens. Como na música do grupo Legião Urbana “Há tempos são os jovens que adoecem, há tempos o encanto está ausente e a há ferrugem dos sorrisos e o acaso estende os braços”, sinto que há muito tempo a escola vem roubando a nossa saúde e a nossa juventude, somos forçados a ser os melhores, a tirar boas notas no SAESP, no ENEM, e sei lá mais em quê.

Qual o objetivo de uma cadeia? Penso ser pra disciplinar as pessoas que cometeram algum delito. E pra que serve uma escola? Não teria ela a mesma função: disciplinar as crianças e jovens frequentadores desse local? Quando eles não frequentam, são levados para o conselho tutelar. Ou seja, somos literalmente obrigados a frequentar esse local facilmente comparado a uma cadeia.

E sabe quais são outras semelhanças? Em uma prisão, temos grades. Aqui se têm grades por todo lugar; na prisão, tem sinal, aqui também, horário pra tudo. A escola tem recreio e eles têm banho de sol. Somos colocados aqui dentro pra ver se aprendemos alguma coisa, e na prisão também. Só que, na prisão, a quantidade de pessoas que saem diferentes é muito pequena, às vezes saem mais revoltados, e aqui são poucos que conseguem sair para uma faculdade. É a mesma coisa. Colocam-nos aqui, mas não tentam mudar as coisas para ser um lugar melhor, um lugar onde você tenha vontade de vir. É sempre a mesma coisa, eu me sinto presa aqui dentro. Assim, vejo ambas instituições equivocadas. Poucas são as pessoas capazes para modificá-la aqui dentro da escola. Pra mim, amigo, a escola do jeito que está hoje não serve.

A escola, desse jeito, faz parte de um sistema fadado ao fracasso, chegamos ao fundo do abismo, nós, os jovens de hoje, já não suportamos essa forma de escola, estamos cansados de vivermos trancafiados nesse espaço com a falsa esperança de que é para o nosso melhor, para o nosso bem, que devemos frequentá-la para termos um futuro melhor. Qual futuro? Como aprender algo em uma sala minúscula com tantos alunos dentro, daqui a pouco seremos obrigados a ficar pendurados na janela.

Diga-me, meu amigo, como buscarmos ser melhores nesse lugar. Devemos ignorar essa estrutura e darmos as mãos àqueles que estão conosco e irmos à luta, como dizia a velha canção da Ditadura Militar “vem vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora e não espera acontecer”. Afinal, em tempos de guerra, precisamos escolher com quem andamos,

quem são os nossos aliados, seja um amigo ou um professor que nos mostre como ver o mundo de outra forma, nos inspirem a lutar contra tal sistema já instituído e ineficaz. Porque notamos, em muitos momentos, estarmos repetindo os erros do passado, os erros que machucaram e mataram muitos jovens e adultos que pensavam contra o sistema.

É nos unindo que, diariamente, nossas forças vão sendo esgotadas e reabastecidas, vemos a escola, para alguns de nós, sendo um momento de verdadeiro descanso – porque, muitas vezes, vivemos em uma verdadeira guerra de palavras, de agressões físicas e morais em nossas casas – em que podemos ser quem realmente somos.

Aqui encontramos os nossos amigos, encontramos com professores querendo o nosso melhor e nos incentivando na luta. Percebo ser esse sentimento verdadeiro, pois noto nos seus olhares, na sua forma de conversar com a gente, de nos cumprimentar. Alguns desses professores adquirem, com o passar do tempo, um respeito da galera e uma grande afinidade. Acredito ocorrer isso, devido à forma como eles nos tratam, o respeito é mútuo, até ouvir bronca desses professores é algo bacana, não ficamos revoltados, muitas vezes percebemos que esse chamar da nossa atenção é para termos cuidado com o que estamos fazendo e para onde isso pode nos levar, muitos estão aqui pra nos dar as mãos. A essa porcentagem pequena de professores temos um agradecimento do tamanho do mundo. É a eles e são deles que queremos lembrar ao longo da nossa

vida, nos lembraremos de cada conversa, risada e bronca, que se torna especial em nosso coração, devido ao tamanho do afeto deles.

É com eles e por eles e ainda por minha mãe, que sinto, em breve, estar adentrando uma Faculdade, deixando de queixo caído todos que duvidaram de mim, que não acreditaram no meu potencial, que falavam “filho de pobre não faz faculdade”. Mostrarei para essas pessoas que fazemos sim e seremos profissionais diferentes onde estivermos.

Nem tudo é tão simples. Até esse sonho se concretizar, “muita água vai passar por baixo da ponte”, mas tenho a confiança de chegarmos lá. Lutando com o apoio de alguns, contra essa escola toda parecida com uma penitenciária, onde temos câmeras, carcereiros, diretores, capazes de grandes infelices na tentativa de manter a nós, os alunos e alguns professores de boca fechada, disciplinados, sentados em seus lugares. Aqui dentro a palavra de ordem é **SILÊNCIO!!!**



Figura 4 – Silêncio
Fonte: Dados da Pesquisa

Como bem notamos no desenho acima, dentre muitas das falas que povoam a sala de aula a mais ouvida é o grito de ordem, aqui ninguém está por completo (com raríssimas exceções), em muitas aulas, tudo é mais importante, menos estar atento ao que o professor diz, afinal pensamos "Lá vem ele com o mesmo material de sempre, falar as mesmas coisas, blá, blá, blá".

Precisamos começar a modificar esse local. Tirando as câmeras, as grades, mesmo eles achando que estão nos protegendo, nos sentimos um pouco presos também, porque parece uma cadeia. Eu sinto que eles não têm confiança na gente, pois parece que é pra gente não fugir, por isso que colocam as grades e câmera.

Outra coisa, muitas vezes, ouvimos ser a escola a extensão da nossa casa, contudo a realidade não é essa parece que a gente vai fazer alguma coisa, porque tem câmera em tudo, parece que vamos roubar alguém, é muita falta de confiança mesmo. É o que eu sinto, mesmo tendo a consciência de eles quererem nos proteger do mundo como está hoje, não precisava de tanto.

Além de tudo isso, das câmeras, das grades, dos carcereiros, não se pode esquecer-se da diretora da penitenciária, essa que está aqui agora chegou faz pouco tempo e, sinceramente, chegou chocando com as suas atitudes. Parece-me que ela não se preocupa com nada, pra ela tanto faz. Havia uma vice-diretora antes que era muito brava, pegava no pé de todo mundo, mas você percebia que ela queria o seu bem, que você aprendesse, que ela só

queria o seu melhor. Agora essa não faz nada, não demonstra nada do que ela quer. Eu acho que, pra querer ser diretora, ela deveria ter uma mente mais aberta. Quando eu a vejo andando na escola, eu sinto certa raiva dela, porque, quando ela chegou aqui, nem se apresentou. E isso nos dá uma revolta! E aí pensamos: o que a diretora está fazendo aqui? Ela só anda com a cara emburrada, não sei se é a cara dela, mas só anda com aquela cara na escola, não sei o que está fazendo aqui. Eu sei que ela não fez nada comigo. Acho que a forma dela violentou não somente a mim, mas a todos os alunos, alguns professores e funcionários. Eu converso com todo mundo, e ninguém gosta da nova diretora, ela não está nem aí com nada, nem com os alunos nem com o que está sendo ensinado aqui. Várias vezes a vejo andando por esses corredores e não consigo entender o porquê disso, pois ela não fala com nenhum aluno. Eu acho muito errado o que ela fez de não se apresentar, porque ficou uma coisa meio assim "Eu mando aqui, não precisamos nos conhecer, vocês só vão ver-me quando fizerem alguma coisa errada e descerem lá para levarem advertência". E isso ficou parecendo que ela não se importa com a gente. E essa atitude de só intervir quando se fizer algo de errado, não auxilia na escola.

Bom, não sei se esse lugar tem salvação, resta apenas a esperança de tentarmos criar um novo lugar e a coragem de lutar sempre.

Antes de finalizar, deixo o meu abraço,
Aparecida.

As cartas que falam por si



6ª Carta (Escritor Pablo de Vanstis y Vantis)

França, algum dia do ano X.

Menina Aparecida,

Espero que esteja tudo bem com você e sua família.

A sua escrita muito me agrada e comove-me, não me é estranha a realidade trazida em suas palavras, não me canso de pensar quanto é desalentador percebermos a escola dessa forma.

Como disse na carta encaminhada ao seu amigo Joaquim, a escola hoje cumpre a sua principal função: a de massificação, a de doutrinação. Afinal somos obrigados a pensar todos da mesma forma; ensinam-nos a decorar fórmulas, conceitos, regras, musiquinhas para gravar os conteúdos.

Notamos, assim, que o que existe dentro da escola nada mais é do que uma simples reconhecimento, não nos ensinam a pensar, ensinam apenas a doutrina das coisas. Não temos uma produção matemática, literária, biológica, pois não somos incentivados a refletir e a criar, somos estimulados apenas a reproduzir, como máquinas programadas.

Vivemos como verdadeiros robôs inseridos em sua linha de produção, presos por suas obrigações.

Gosto muito de Geraldo Vandré, de Milton Nascimento, de Renato Russo e de vários poetas-cantores brasileiro. Pessoas essas que sofreram, perderam amigos e parentes, nesse período infeliz do Brasil, período em que, inspirados pela indignação gerada por tamanhas infelicidades, foram capazes de compor música de grande beleza, como as canções que você me trouxe nessa carta.

Reafirmo o que disse ao seu amigo: devemos resistir e lutar, foi isso feito por muitos, e a história está aí para nos mostrar quem estava com a verdade.

Da mesma forma, que ler as suas cartas e saber que temos muitos professores buscando um local diferente de trabalho, me traz forças para continuar pesquisando e trabalhando nesse território com muito a ser explorado, trabalhado e modificado.

Poderia existir a vida dentro desse sistema Panóptico em que estão construídas as nossas escolas, hospitais e cadeias, por fim, todos os meios que promovam a castração do pensamento criativo. Para dar-se chance à vida, precisamos dar chance aos afetos, às relações de afeto, aos fluxos dos desejos, aos fluxos de criação. Dessa forma, é preciso pensar em táticas que "explodam" esse modelo hoje encontrado e instituído, além de compor com os cacos ou com os restos, uma obra de arte, para, no final de nossa existência, na hora em que estivermos passando pela experiência da morte, olharmos com prazer e alegria.

Uma colcha de retalhos, como aquelas feitas por nossas avós, que aproveitavam os restos de panos das mais variadas estampas, cores e formas e, com muito carinho, os interligavam um a um formando uma bela obra de arte.

Assim deverá ser a escola, que unindo as mais variadas singularidades, os mais variados desejos e fluxos criativos, se faça capaz de compor com a vida. Talvez assim, não serão mais necessárias as câmeras ou grades e muito menos os vigias fiéis à lei dos estados.

Por isso mais uma vez repito OCUPAR, RESISTIR e LUTAR. Aí está a mais nova tríade que desejo a vocês. No mais, me coloco sempre disposto a trocarmos algumas ideias.

Um grande abraço.

Pablo de Vantis y Vantis

5 PERMITIR-SE AFETAR E SER AFETADO



Não sei se a vida é curta ou longa para nós,
 mas sei que nada do que vivemos tem sentido,
 se não tocarmos o coração das pessoas.
 Muitas vezes basta ser: colo que acolhe,
 braço que envolve, palavra que conforta,
 silêncio que respeita, alegria que contagia,
 lágrima que corre, olhar que acaricia,
 desejo que sacia, amor que promove.
 E isso não é coisa de outro mundo,
 é o que dá sentido à vida.
 É o que faz com que ela não seja nem curta,
 nem longa demais, mas que seja intensa,
 verdadeira, pura enquanto durar.
 Feliz aquele que transfere o que sabe
 e aprende o que ensina”.

Cora Coralina

O “Permitir-se afetar e ser afetado”, essa estrada de dupla direção, expressa na composição da sensibilidade de Cora Coralina, tanto quanto a Filosofia da Diferença, a partir dos olhares de Foucault e Deleuze, revela o movimento constante, e não cíclico, que ocorre em nossas salas de aulas. Salas de encontro de pessoas? Afinal, salas de quê? Salas cercadas por muros apenas físicos, feitos de concreto e tijolos ou, muitas vezes, sociais, acolhendo todos e quaisquer tipos de relações coexistentes nesse espaço. E é olhando para esse território – complexo – que acreditamos identificar a ocorrência da vida, as delícias dos encontros e as tristezas dos desencontros.

Nesse território, queremos apenas nos situar, pois o que mais nos chama atenção, o que nos direciona o olhar, são as relações circulando espontânea, intensa e desenfreadamente lá. E, nessas relações, buscaremos, nas linhas seguintes, identificar os afetos dos afetos,

aqueles que como já dito acima, são como uma flecha, a perfurar o peito e a fazer com que o coração pulse diferentemente. Nos dizeres do intérprete e compositor brasileiro Milton Nascimento, “A pulsação do mundo é o coração da gente, o coração do mundo é a pulsação da gente/ Ninguém nos pode impor, meu irmão, o que é melhor pra gente.” É nessa pulsação, que moram os afetos. Não sabemos determinar como eles ocorrem, afirmamos apenas serem de maneiras diferentes em cada um. Podemos apenas afirmar que eles ocorrem a todo o momento, pois a vida é um constante afetar-se e ser afetado, e dessa feita, se torna impossível continuarmos da mesma maneira. Os afetos nos modificam, estraçalham nosso peito deixando um pouco de si e levando um pouco de nós.

São por esses movimentos de afetação as minhas buscas, enquanto sujeito professor, sujeito pesquisador, filho, amigo e uns, pois são pelos afetos que nos constituímos. Sendo assim, o que podem os afetos dentro de uma sala de aula?

Sabemos que no território da sala de aula, existe o trânsito diário, e constante, de vários corpos e é no encontro entre esses corpos ou no encontro desses corpos com o mundo que se dá a existência e a ação dos afetos. Nesses encontros temos os acontecimentos/modificações ocorridos e, por decorrência deles, temos as nossas potencialidades aumentadas, a nossa capacidade de ser ou agir ou existir ou habitar ou constituir práticas em um território.

Neste momento, tomamos como base o território escolar; e buscamos olhar para os afetos presentes. É fato, como exposto acima, sua existência, e mais concreto ainda que eles possam aumentar ou diminuir a potência de agir dos sujeitos inseridos nesse contexto. Assim, para pensar em torno de uma ética, buscamos em Foucault os direcionamentos para embasar o nosso entendimento. Sabemos que ele vai recorrer aos gregos antigos para formular essa prática de uma ética de si. De acordo com ele, a ética está diretamente ligada ao *éthos* de cada sujeito, ou seja, com a maneira de agir, a forma de ser e como se é visto pelos outros constituem esse *éthos*, assim, ele pode ser relacionado com o “cuidado de si” e, aqui, chamamos a atenção, pois, se tomarmos ao pé da letra, superficialmente, pode-se concluir que Foucault e os gregos propunham uma postura totalmente egoística, o que, na verdade, opõe-se ao que é proposto, pois só existe o “cuidado de si”. Nessa perspectiva, só está relacionado com outro e só consegue cuidar do outro aquele que cuida de si. Assim temos que:

O cuidado de si acaba por assumir a forma de um princípio geral e incondicional. Isso significa que “cuidar de si” não é mais um imperativo válido para um momento determinado da existência e em uma fase da vida que é a passagem da adolescência para a vida adulta. “Cuidar de si” é uma regra coextensiva à vida. Em segundo lugar, o cuidado de si não está ligado à aquisição de um *status* particular no interior da sociedade. É o ser inteiro do sujeito que, ao longo de toda a sua existência, deve cuidar de si e de si enquanto tal. (FOUCAULT, 2014, 506)

A citação corrobora a percepção deste pesquisador ao observar as fragilidades ou lacunas identificadas nas relações presentes nas salas de aula observadas. Quando esse cuidado de si está presente na vida, nas atitudes diárias, não há escravização a uma falsa estética, a paixões, a medos. Por isso, o *conhecer a si* é de fundamental importância nessa maneira de viver, visto que a linha que separa o “cuidado de si” com “a escravidão de si” se apresenta bastante tênue. Assim, é:

preciso ter a si mesmo diante dos próprios olhos, não tirar os olhos de si mesmo e ordenar toda a vida a esse eu que foi fixado como objetivo para si mesmo; esse eu que, como Sêneca nos diz tão frequentemente, em contato com ele, próximo a ele, em sua presença, podemos experimentar o maior dos deleites, a única alegria, o único *gaudium* que é legítimo, sem fragilidade e que não está exposto a nenhum perigo nem deixado a mercê de nenhum revés. (FOUCAULT, 2014, 506)

Diante dessa excursão em si mesmo, despido das pressões que o mundo impõe e da servidão direta ou indireta que assumimos, é possível pensar nessa ética do cuidado de si e, portanto, dos afetos dentro da sala de aula, compondo um grande mosaico de subjetivações e afetos? Diante do exposto, é possível afirmar que sim e que se faz urgente atentar-se a essa dimensão das relações interpessoais. Durante a nossa produção de dados, foi diversas vezes ouvido dos alunos ou professores um clamar por esse cuidado do outro. Verificável, na observação do dia a dia dessas pessoas, a presença dos apontamentos de Foucault e Deleuze quanto à Filosofia da Diferença, materializando-se em práticas e sinalizando a necessidade de se pensar, para esse território, uma nova estilística de vida.

Com toda certeza, quando os sujeitos que pertencem ao território escolar se derem conta da importância de cuidarem de si e consequentemente do outro, a sala de aula passará por grandes mudanças, deixará de ser um mecanismo de sequestro e tornar-se-á um território de respeito à vida.

Como professor, penso serem as potencialidades criadas com esse novo modo de agir, em primeiro momento, imensuráveis. Não é difícil começar tal mudança, o cuidar de si está

diretamente ligado com a forma como agimos e pensamos. É preciso ter a coragem da verdade – a *parresía* grega –, sermos francos no nosso falar e agir. E o mesmo se estende aos alunos, aqueles delegados à nossa tutela durante algumas horas ou semanas ou meses ou anos. Que tipo de professor nós estamos sendo? Seríamos verdadeiros ditadores, donos de uma verdade absoluta e imutável? Deixo essas respostas a critério de cada um. Lembrando que o nosso intuito não é simplesmente impor uma maneira ou metodologia de trabalho, mas sim de pensarmos juntos sobre as mais variadas dificuldades enfrentadas nesse território.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny. Eduardo Passos. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014. Cap. 7. p. 131- 149.

ARENDENT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. A Crise na Educação 4.ed. São Paulo: Perspectiva S.A, 1968. 349 p. Tradução de: Mauro W. Barbosa de Almeida.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014. Cap. 3. p. 52-75.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 499 p. Tradução de: Luiz Orlandi, Roberto Machado.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013. 240 p. Tradução de: Peter Pál Pelbart.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. 149 p.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). 1.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1999. 382 p. Tradução de: Maria Ermantina Galvão.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 41. ed. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2013. 291 p. Tradução de: Raquel Ramallete.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. curso no Collège de France (1981-1982). 3.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014. 506 p. Tradução de: Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). 1.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1999. 382 p. Tradução de: Maria Ermantina Galvão.

FOUCAULT, Michel. **A Coragem da Verdade**: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984). 1.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 339 p. Tradução de: Eduardo Brandão.

GALLO, Sílvia. As múltiplas dimensões do aprender... In: Anais Congresso de Educação Básica: aprendizagem e currículo. Florianópolis: COEM 2012, p. 1-10. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf Acesso em: 07 nov. 2016.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014. Cap. 2. p. 32-51.

ORLANDI, Luiz. **Ética em Deleuze**. Café Filosófico, Instituto CPFL. Disponível em: <http://www.institutocpfl.org.br/cultura/2009/01/19/cafe-filosofico-etica-em-deleuze-luiz-orlandi/> Acesso em: 07 Nov. 2016

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014. Cap. 1. p. 17-31.

PESSOA, Fernando; **Navegar é preciso**, 1914
Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000001.pdf> . Acesso em: 07 Nov. 2016

SILVA, Michela Tuchapesk da et al. **Mapas e cartografia em educação matemática**. In: **ENEM - EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: RETROSPECTIVAS E PERSPECTIVAS**, 2013. Curitiba: SBEM, 2013. p. 01 - 08. Disponível em: http://sbem.web1471.kinghost.net/anais/XIENEM/pdf/724_1480_ID.pdf. Acesso em: 25 set. 2016.

SOUZA, Antonio Carlos Carrera de. **O que pode a Educação Matemática?**. Revista Linha Mestra, Campinas, Ano VII. n. 23, p.211-215, Ago. Dez. 2013. Associação de Leitura do Brasil. Disponível em: https://linhamestra23.files.wordpress.com/2013/12/01_territorio_educacao_matematica_multiplicidades_e_singularidades_o_que_pode_a_educacao_souza.pdf Acesso em: 25 set. 2016.

TARTARO, Tassia Ferreira. **A pantera cor de rosa na formação de educadores matemáticos**. Revista Linha Mestra, Campinas, Ano VII. n. 23, p.225-228, Ago. Dez. 2013. Associação de Leitura do Brasil. Disponível em:

<https://linhamestra23.files.wordpress.com/2013/12/04_territorio_educacao_matematica_multiplicidades_e_singularidades_a_pantera_cor_de_rosa_tartaro.pdf>. Acesso em: 25 set. 2016.